

Irmã Maria de Aquino

O desafio de um novo mundo



Maria de Aquino

O Desafio de um Novo Tempo

Índice

Apresentação	05
Introdução	07
1- A Encantadora Emilinha a quem seus Irmãos chamavam de “Mãe-Pequena”	11
2- Cidade e Infância	17
3- A Escolha Definitiva	23
4- O Desencadear de Muitas Bênçãos	29
5- O Início da Missão	37
6- O Furacão Revolucionário em Portugal	45
7- Rumo ao Brasil	51
8- O Início da Longa Busca: Mariana	61
9- O Sofrimento em Sete Lagoas	69
10- A Despedida de Sete Lagoas	79
11- Ubá, o Berço das Fundações Brasileiras	87
12- Início Abençoado	99
13- O Pão Vivo	105
14- As Incertezas em Vila Isabel	111
15- Do Leme para Copacabana	121
16- Um Espinho Doloroso	129
17- Os Últimos Trabalhos da Irmã Maria de Aquino	135
18- A Cópia e o Original	141
19- O Triunfo do Amor	149

Apresentação

Seguir a trajetória da fidelidade de Deus através de uma pessoa é uma tarefa empolgante e comovente.

A misericórdia de Deus e a vocação para os desafios fizeram-se visíveis através da Irmã Maria de Aquino. E não somente isto, mas também a ousadia e persistência.

Você teria coragem de deixar sua terra, sua família e seus amigos para, num país distante e desconhecido, sem conhecer ainda ninguém, apoiado unicamente no Infinito, semear a Palavra de Deus, enxergar a hora certa de implantar uma Congregação Religiosa num país novo e inspirador?

Você teria esta coragem?

Você aceitaria estes desafios?

Acredito que teria, sim!

E a Irmã Maria de Aquino também teve!

E daí o amor profundo que todas nós, RSCM, temos por ela. O Senhor fez dela a peça insubstituível e viva através da qual expandiu-se a Vida em plenitude que Jesus anunciou e que já tinha brotado em Béziers, na França, através do Padre João Gailhac e da Irmã Saint Jean Pellissier Cure, chegando agora de Portugal para o Brasil, através da Irmã Maria de Aquino Vieira Ribeiro.

O livro “Maria de Aquino, o desafio de um novo mundo” traz para hoje, com uma revisão e atualização de termos, o livro “O Esplendor da Bondade” de autoria de uma religiosa do Sagrado Coração de Maria. Nele transparecem o carisma, o espírito e a missão que o Padre Gailhac transmitiu para as suas Religiosas.

A grande família do Sagrado Coração de Maria no Brasil existe



graças à coragem e à fidelidade da Irmã Maria de Aquino que, junto às suas companheiras, foi o canal, o instrumento que o Senhor utilizou, fazendo nascer dela uma fonte infinita de bênçãos, em terras brasileiras.

Nossa gratidão, nossa admiração e nosso carinho por ela, que trouxe as Irmãs do SCM, para o Brasil e foi a fundadora dos Colégios do Sagrado Coração de Maria no Brasil e, por extensão, de todas as Comunidades inseridas do SCM, que se desdobraram daquelas primeiras fundações.

A Irmã Maria de Aquino se inspirou, se apaixonou por Deus e pelas prioridades de seu tempo!

Nós também, seguindo seu exemplo insinuante, queremos nos inspirar, nos apaixonar por Deus e pelas prioridades de nosso tempo!

Irmã Alice Maria Duarte, RSCM

Introdução

“Nada mais precioso do que a memória dos grandes seres humanos.”

L.acordaire

Com uma habilidade de artista e uma precisão de mestre, o Padre Jean Gailhac esboçou um Retrato de uma beleza irretocável...

Este Retrato foi o que seus olhos penetrantes e cheios de sabedoria vislumbraram para concretizar o ideal das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Ele comentava: - “Impele-me o amor!” E à medida em que seu esboço tomava forma, suas pinceladas de luz enfraqueciam os traços imperfeitos da criatura e realçavam a suave e atraente personalidade humano-divina de Jesus!

Uma autêntica religiosa do Sagrado Coração de Maria contempla-se sempre neste espelho de perfeição, a fim de observar se existe alguma discordância entre a Cópia e o Original.

Dentro deste contexto de ideal de perfeição, podemos apresentar a Irmã Maria de Aquino como uma perfeita religiosa do Sagrado Coração de Maria, que concretizou o ideal do Padre Gailhac.

E foi por isto que ela se aproximou tanto de Deus e de nós, sendo tão sobrenatural e tão humana, tão plena dos dons do Céu e tão cheia de compaixão pelas misérias da terra.

Sua vida foi um desabrochar constante e harmonioso, chegando ao heroísmo de um coração bondoso e destemido, que sempre soube dizer SIM a qualquer manifestação da Vontade Divina.

Lembrando-nos dela com carinho, queremos senti-la de novo a nosso lado, como antigamente:



- *a pessoa simples e despreziosa, mas igualmente corajosa nos trabalhos e empreendimentos para a glória de Deus e a maior devoção ao Sagrado Coração de Maria.*
- *a superiora observante e zelosa, cujo exemplo foi para nós o maior estímulo a sempre nos superarmos e ultrapassarmos, em busca do melhor e do mais perfeito.*
- *a mãe cheia de bondade e compreensão, que transmitia segurança e bem-estar afetivo, impelindo todas nós a sermos melhores e lançando-nos para Deus.*

Veremos o quanto lhe custou a fundação dos Colégios do Sagrado Coração de Maria no Brasil, quantos degraus e patamares ela teve que subir para realizar a missão que o Senhor lhe traçou e a que ela correspondeu plenamente e com toda a generosidade.

Os frutos que hoje vamos colhendo, doces e maduros, são o resultado muitas vezes de lágrimas bem amargas que regaram e tornaram fértil a promissora terra do Sagrado Coração de Maria no Brasil.

Querida e saudosa Irmã Maria de Aquino! O carinho e a gratidão dedicam-lhe estas páginas escritas com veneração!

“Nada mais precioso, diz Lacordaire, do que a memória dos grandes seres humanos.”

A Irmã Maria de Aquino é um desses seres humanos insinuantes e atraentes, em cujo contato nos sentimos impelidos a sermos melhores.

Capítulo 1

*A Encantadora Emilinha
a quem seus irmãos chamavam
de “Mãe-Pequena”*

A ENCANTADORA EMILINHA A QUEM SEUS IRMÃOS CHAMAVAM DE “MÃE- PEQUENA”

*“Junto de teu berço, encantadora criancinha,
existe uma bênção do Céu, na alegre
expectativa da esperança”.*

Uma alegria diferente inundava a casa do Sr. Bernardo e de D. Emília naquele glorioso 21 de novembro de 1870. É que acabava de nascer o 6º fruto daquele matrimônio feliz e fecundo: Emília Vieira Ribeiro, a Emilinha de todos e a “Mãe- Pequena” para seus irmãos, felicíssimos com a graça e a ternura de sua nova irmãzinha.

Os pais de Emilinha, *Sr. Bernardo José Vieira Ribeiro e D. Emília*, eram conscientes da alta missão que Deus lhes confiara. A educação dos filhos constituía a sua principal solicitude e a união reinava entre os membros daquela família.

A criança encontrou pois um ambiente cheio de amor, fator fundamental para o desenvolvimento de uma pessoa humana equilibrada, feliz e capaz de doar-se aos outros.

Ela vai desabrochar, entre os seus, como a doce expressão da ternura e era tão dada a proporcionar alegria a todos que D. Emília não se cansava de dizer: “Luz de meus olhos! Que presente o Senhor me deu!” E seu pai a cobria de carinhos, deixando-se cativar pelo encanto irresistível de sua filhinha.

Desde muito cedo, ela começou a revelar um traço que foi fundamental em sua pessoa: a bondade. Seus irmãos, encantados com a ternura de sua irmãzinha, quiseram dar-lhe um apelido, que significasse bem o que ela era para eles. Depois de vários palpites, encontraram um



que expressava bem o que eles sentiam por ela: “Mãe-Pequena”. Nem sempre, porém, seu desejo de agradar acabava bem. Certo dia insistiu com sua irmã Maria em encher um vasilhinho dela, mas no meio da escada ele escapou de suas mãos e quebrou-se. Diante do inesperado problema, ela demonstrou imediatamente uma característica bem sua e que teria durante toda a sua vida: - Surgiu um problema? - A fé derrubará este problema!

Sua irmã Maria, vendo-a ajoelhada no meio da escada, perguntou-lhe:

- *“Que foi que aconteceu?”*

- *“O que aconteceu foi que eu quebrei o seu jarrinho e estou pedindo à minha madrinha, Nossa Senhora, que o conserte!”*

Maria ficou com pena da Emilinha e não demonstrou aborrecimento com o pequeno desastre acontecido.

Sabendo que ela era extremamente sensível, seus irmãos muitas vezes, para implicar, diziam-lhe:

- *“Emilinha, eu não gosto mais de você.”*

- *“Por que?”* A pergunta já era feita de uma maneira muito sentida e seus olhos enchiam-se de lágrimas. As provocações eram pouco frequentes, mas aconteciam:

- *“Repolho!” - dizia um deles, com um ar gozador.*

- *“Abade!” - respondia ela, no mesmo tom.*

Essas implicâncias, no entanto, eram uma coisa rara e seus irmãos a cercavam de muito carinho. O excesso de mimos não prejudicou o seu caráter, conforme comentou a sua irmã Carlota e ainda acrescentou que ela era capaz de receber uma repreensão sem se desculpar, mesmo quando ela era inocente.

Nas férias, todos os irmãos estavam em casa. Domingos, Antônio, Manuel, Maria, Carlota e Emília formavam um grupo alegre e barulhento. Seu pai, para acalmar a barulhada, gritava de vez em quando:

- *“Emilinha, fique quieta!”*

E todos riam com carinho da Emilinha, que claro não era a mais barulhenta daquela turma!...

Não era a mais barulhenta, mas fazia com que todos se sentissem felizes a seu lado, qualidade que ela levou por toda a sua vida.

Cada um deles estudava e ajudava em casa, de acordo com sua idade e capacidade.

Emília tocava piano muito bem, bordava e cozinhava pratos finos e deliciosos como a bacalhoadada portuguesa de dar água na boca ou saborosos bolinhos italianos. Muitas vezes, mais tarde, esses seus dotes culinários salvaram a Comunidade de apertos, quando recebiam alguma visita especial.

Nas amizades mais íntimas como nas visitas de mais cerimônia, todos admiravam a fina educação das meninas Vieira Ribeiro.

De fato, uma educação completa e verdadeira vale por todas as heranças!

Seus dotes naturais e a boa educação recebida desenvolveram-se no decorrer dos anos e sua natural discrição não conseguia ocultar a fonte de dons que se derramavam com abundância, agradando a todos que a cercavam.

- “Ela é tão nossa amiga! Está sempre pronta para fazer tudo o que lhe pedimos!”- diziam seus irmãos ainda crianças. Feliz dela que soube espalhar bondade e carinho ao redor de si mesma. A mais feliz deve ter sido ela mesma!



Capítulo 2

Cidade e Infância

CIDADE E INFÂNCIA



*“Não existe nada mais grandioso
nem mais bonito do que a ação de
Deus no coração humano.”*

E. Leseur

Emília nasceu na cidade de Chaves. A antiga Vila de Trás-os-Montes foi profundamente ligada à história militar de Portugal, com uma série de lutas e vitórias, que enobreceram o seu nome. Esta importante Vila nasceu junto às Termas e projetou-se graciosa sobre o Tâmega, fortaleceu-se nos combates, às vezes vitoriosa, às vezes derrotada.

Quem aprecia os grandes monumentos da Idade Média, gostará certamente de admirar seu imponente castelo e aos amadores da arte, a velha ponte romana não passará despercebida.

Suas glórias assemelhavam-se às de Roma conquistadora e seu povo, com a força de sua fé, construiu seu prestígio com a espada e com a Cruz. Tornou-se forte nos combates e, através de derrotas e vitórias, a têmpera forte de seus filhos escreveu a História de Chaves, com altivez e persistência.



*Ponte Romana
Chaves - Portugal*

Todos os anos em outubro realizava-se na cidade uma alegre festa chamada Feira dos Santos. Vinha gente de todas as cidades vizinhas. Era uma festa linda, desde os alegres e vistosos trajes típicos até as



danças regionais e canções populares, tudo passando pelo ritmo do “Vira”.

Emilinha se entusiasmava com a sua cidade tão bonita e enfeitada e dizia, cheia de felicidade:

- “A pátria portuguesa é a maior e a mais bonita que existe. Bendita seja ela!”

Havia também em Chaves um velho Mosteiro em cujo recinto ecoavam as profundas salmodias das monjas, enchendo o ambiente com um tom profundo e solene. Muita gente frequentava aquele Mosteiro e lá eram celebradas, com certo esplendor, as cerimônias litúrgicas.

O povo de Chaves prezava muito o Mosteiro e as monjas, chamando-as de “freiras santas.”

Foi neste ambiente de sua cidade que Emilinha sentiu o primeiro toque para o valor de uma vida consagrada, abrindo-se para o infinito e para a doação aos outros.

Aos cinco anos ela começou a estudar com uma professora que tinha quatro alunas particulares e ela as levava frequentemente ao Mosteiro para os atos religiosos. Emilinha se sentia feliz naquele ambiente e aprendeu, neste momento da existência em que as impressões se gravam tão profundamente, a colocar-se na presença de Deus e a perceber o que Deus lhe falava.

Esta capacidade de escutar a Deus na oração, ela conservou por toda a sua vida e anos mais tarde, diante de qualquer resposta imediata e urgente, terá sempre a mesma atitude: na Capela ela ouvirá a resposta do Senhor e sairá de lá convicta de ter recebido a orientação adequada.

A experiência profunda de oração ela gravou em si mesma e conseguiu transmitir mais tarde para suas Irmãs, ensinando-lhes que elas tivessem profunda capacidade de meditação interior, reverência na atitude exterior, na maneira de pronunciar as palavras, devagar e sem atropelos, porque “rezar é falar com Deus e escutá-lo!”

Com seis anos ela confessou-se pela primeira vez e todos os seus pecados consistiram em roubos... Roubou doce do armário, um pedaço

de pano para o vestidinho da boneca e linha para fazer crochê. O padre que atendeu-a em confissão ficou comovido com o jeitinho inocente dela e disse-lhe:

- *“Que renda tão bonita a do seu vestido!”*

Para a Emilinha a renda daquele vestido era uma verdadeira glória, pois ela mesma é que a havia feito.

- *“E você, tão pequena ainda, já sabe costurar?”*

- *“Sei, sim!”*

- *“Então, disse ele, receba esta libra de presente, já que você se confessou tão bem!”*

A Primeira Comunhão ela só fez com dez ou doze anos. Aquela grande festa para o seu coração foi cheia de bênçãos para a sua vida.

O Padre Manuel, com quem ela havia se confessado aos seis anos de idade e de quem recebeu agora a Primeira Eucaristia, vislumbrava já uma vocação latente naquela menina e ela também confiava muito nele.

Uma vez, a Joaquina, que trabalhava na casa do padrinho da Emilinha, Padre Nascimento, foi confessar-se com o Padre Manuel e levou a ele um pedido de orações, da parte da Emilinha. Ele então comentou com a Joaquina:

- *“Aquele menina é muito boa e vai ser freira!”*

E a Joaquina, entra espantada e curiosa, perguntou-lhe:

“Você vai mesmo?”

A Emilinha, muito reservada com relação à sua vida íntima, respondeu com uma risadinha:

- *“Ai, que assim ele me põe tudo a perder.”*

Em 1885 ela teve o desgosto de perder seu pai, mas ficou para sempre em seu coração a recordação de seu intenso carinho por ela e de seu exemplo de autêntico cristão.



Das monjas do Mosteiro agora só restava uma, pois as outras todas já haviam falecido. Mas a paz do rosto da monja velhinha, as grades austeras e os claustros silenciosos ecoavam suavemente no coração de Emilinha, vislumbrando-lhe para o futuro a paixão de um ideal infinito, onde ela mesma experimentaria a entrega total ao Deus da Vida.

Ela conservará pela vida afora um grande amor pela cidade de Chaves e levará com ela a altivez e a tenacidade do transmuntano, que sabe querer e que sabe lutar, para obter aquilo que quer, realizando assim, um a um, todos os seus mais arrojados ideais!

Capítulo 3

A Escolha Definitiva

A ESCOLHA DEFINITIVA

*“Que toda pessoa que se aproximar de mim,
se aproxime também um pouco mais de Deus.”*

Três Irmãs do Sagrado Coração de Maria chegaram à pequena cidade de Chaves à tardinha do dia 1º de maio de 1886.

Vinham a convite do Padre Manuel Couto, por insistente pedido da abadessa do Convento das Capuchas da Conceição para transformarem o antigo Mosteiro em um Colégio Sagrado Coração de Maria.

Imediatamente começaram suas atividades, com alunas externas, alunas internas e, logo que foi possível, uma escola para as crianças e adolescentes de famílias carentes.

Encheu-se de vida o velho casarão e o Padre Gailhac, fundador do Instituto do Sagrado Coração de Maria, abençoou com carinho as Irmãs que para lá enviou, conscientes de sua missão de não medirem nenhum esforço para que muitos fossem atingidos naquela cidade pela Boa Nova de que o Pai nos ama a todos nós e enviou seu Filho “para que todos tenham Vida e a tenham em abundância”. Este versículo de S. João 10,10 é o lema que o Fundador escolheu para o seu Instituto e que todas as Irmãs possuem gravado em suas cruzes.

A diretora daquele colégio foi a Irmã Maria da Anunciação, uma Religiosa irlandesa que possuía o dom de cativar as pessoas pela sua simpatia e amabilidade. Ela era filha única. Quando seus pais souberam de seu desejo de consagrar-se a Deus na vida religiosa, responderam:

- *“O Senhor no-la deu, o Senhor no-la tirou. Bendito seja o seu santo Nome!”*

Chamavam-na em Chaves de “pomba sem fel”, por causa de sua



simplicidade e as alunas gostavam de apreciá-la quando, no recreio, saía com a Comunidade para passear pela quinta. Quando passavam pelas cerejeiras, ela ia colhendo as cerejas e colocando com carinho na boca de cada uma das Irmãs.

Se ameaçava chover, ela era a primeira a pegar a lenha amontoada debaixo de uma árvore e levá-la para um lugar mais protegido.

Certa vez, ao saber que não havia vinho para a Missa, dirigiu sua oração a S. José e num gesto singular, amarrou uma garrafa no pescoço do santo. Um pouco mais tarde, alguém chegou oferecendo uma garrafa de vinho.

Com a chegada das Irmãs do Sagrado Coração de Maria em Chaves, Emilinha aproximou-se delas e sentiu uma alegria profunda e suave ao pressentir que o seu lugar era lá dentro, pertencendo, também ela, a este Instituto Religioso.

Bendita mil vezes a hora em que o sol divino bate em cheio em nosso caminho, desfazendo incertezas e dúvidas!

E mil vezes bendita também a hora em que a vontade de Deus se manifesta com clareza à nossa frente. Benditas as pessoas que transmitem a luz de Deus!

Geralmente não percebemos, mas quanta luz e quanta sombra projetamos ao redor de nós!

O Padre Gailhac conhecia essa força que irradia de cada pessoa e seu ideal para as Irmãs do Sagrado Coração de Maria era de que tudo nelas fosse um convite para subir para o melhor, para o mais perfeito, para Deus!

Emilinha compreendeu essa chamada para subir, para caminhar e, finalmente, para permanecer no Sagrado Coração de Maria, de onde a caminhada se desdobraria sempre mais, por caminhos naquela ocasião inteiramente inimagináveis.

Ela desejava muito ser simplesmente uma aluna interna, já lá dentro, preparando-se para concretizar logo o seu sonho, entrando para

o Instituto. Mas já tendo terminado seus estudos e estando agora com dezesseis anos, teria que convencer a sua mãe, que não aceitaria esta sua opção. D. Emília era piedosa e criou seus filhos com sólidos princípios cristãos, mas era categórica na sua oposição e inquietava-se com as frequentes visitas de Emilinha ao Convento. - “Deus não me pede tamanho sacrifício! Portanto, não consentirei.”

Aos dezenove anos Emilinha decidiu entrar e pediu à sua irmã Carlota para acompanhá-la. - “Eu desejo entrar, porque é lá que está a minha felicidade e peço que você me ajude.”

Deixou uma carta de despedida e as duas partiram.

Pobre Emilinha! Não seria ainda desta vez! D. Emília foi buscá-la com Maria, sua filha mais velha, e com o Néper, seu fiel cão de guarda.

Lá chegando, ainda na sala, foi logo dizendo:

- “*Quero minha filha!*”

A Irmã que as recebeu tentou contemporizar. Então Maria, com voz forte, ordenou:

- “*Avança, Néper, avança!*” E ele, rapidamente, precipitou-se escada acima! Atrás dele subiu D. Emília, repetindo o mesmo estribilho:
- “*Quero minha filha!*”

Emilinha estava conversando tranqüilamente com o Padre Trigo e a superiora. Ela já se imaginava lá dentro. Surpreendeu-se quando viu a mãe naquele estado de desespero. Abraçou-a com carinho, tentando acalmá-la, mas não teve jeito. Teve que voltar para casa.

D. Emília lhe disse:

- “*Nunca você será Religiosa!*” E tirou dela todos os seus objetos de piedade.

Pouco tempo depois convidou-a para ir a Vidago, uma das melhores estâncias de Portugal, na esperança de distraí-la de seu ideal. D. Emília já se julgava vencedora desta luta. *Sua filha, no entanto, herdou de seu pai uma invulgar força de vontade. Ela possuía firmeza em sua opção e jamais vacilou em seu ideal. Esperou pois a hora de Deus em*



silêncio e com serenidade. Estes traços da personalidade de Emilinha já mostravam bem a futura Irmã Maria de Aquino, “firme nos princípios, mas suave na maneira de executá-los.”

Em 1894 o Colégio de Chaves foi fechado e Emilinha sentiu profundamente a ausência das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de sua terra natal. A presença delas foi fundamental na orientação definitiva de sua vocação.

Entre suas recordações destacava-se a da Irmã Maria de São Salvador, uma religiosa profundamente simples e humilde, que morreu com apenas 24 anos de idade. Emilinha sentiu muito esta morte e entre as suas mãos colocou um ramo de violetas, com um pedido: “No céu reze por mim!”

Em agosto de 1894 sentiu mais forte o chamado de Deus e compreendeu que não devia mais esperar.

Comunicou esta sua decisão a seus irmãos e entre eles encontrou o apoio da Carlota e do Antônio.

Depois de certificar-se de que sua irmã Carlota assumiria os cuidados de sua mãe até o fim da vida dela, pediu-lhe licença para fazer uma viagem, no que foi atendida com muita alegria.

- *“Que bom que você finalmente está demonstrando desejo de se distrair! Bendito seja Deus!”*

E assim D. Emília viu a sua querida filha partir, alegrando-se com a alegria dela e sem imaginar o verdadeiro sentido daquela viagem. Emilinha procurou esconder a sua emoção ao despedir-se de sua mãe já tão velhinha. E afastou-se de tudo aquilo que lhe era tão querido, bem consciente do sacrifício que estava realizando naquele momento.

- *“Meu Deus, só vós podeis exigir o sacrifício de minha mãe velhinha e doente. Eu vo-la ofereço... Em troca, dai-lhe imediatamente o céu quando morrer”...*

Em 15 de agosto de 1894, festa da Assunção de Nossa Senhora, Emilinha encerra a primeira fase de sua vida e parte de Chaves com seu irmão Antônio rumo ao Porto, em busca da realização da sua aliança com o Deus da Vida.

Capítulo 4

*O Desencadear
de muitas bênçãos*

*“Queridas filhas, a vocação de vocês,
compreendam bem, é toda amor!”*

Pe. Gailhac

A 18 de agosto de 1894, Emilinha conseguiu finalmente realizar o seu grande sonho e entrou como postulante para o Noviciado das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, na cidade do Porto.

A Mestra de Formação que a recebeu foi a Irmã Santo Tomás, que percebeu, num relance, a distinção e a simplicidade, características fundamentais da nova postulante e esta sentiu-se confiante ao lado daquela Religiosa tão serena, de maneiras agradáveis e ao mesmo tempo tão digna.

Segundo a opinião geral, a Irmã Santo Tomás reproduzia ao vivo o espírito do Fundador.

O Padre Gailhac era um apaixonado por Jesus manso e humilde e pelo Coração de Maria, cópia fiel de Jesus.

Na sua busca de santidade não havia nada de brusco nem de áspero. Ao contrário, ele era todo compreensão e bondade e sua natural ascendência sobre as Religiosas tornava-lhe mais fácil a formação de sua família espiritual.

Sua espiritualidade profundamente bíblica fez dele um digno filho do Pai Celestial, que semeia a Vida através de Suas mãos benditas, num amplo gesto de Bênção para toda a sua Criação.

Leitor assíduo do Evangelho, o Pe. Gailhac compreendeu profundamente que para atingir o coração humano só existe um caminho: o da bondade. Em seu íntimo ecoavam as palavras do único Mestre:



“Eu sou o Bom Pastor.” Ele desejava que cada Comunidade do Sagrado Coração de Maria tivesse o espírito da casa de Nazaré, onde num ambiente recolhido e suave, as Irmãs se encontrassem e se irmanassem num mesmo ideal.

A Irmã Santo Tomás compreendeu muito bem esta lição. E o Fundador repetiu-lhe muitas vezes:

- *“Saiba ser Mãe! Muito boa Mãe!”*

Emilinha entregou-se inteiramente ao trabalho de sua formação, com a orientação cuidadosa da Ir. São Calixto, auxiliar da Ir. Santo Tomás.

Na Casa do Porto, Emilinha encontrou um verdadeiro porto tranquilo e fecundo, onde ela aprendeu definitivamente a ser uma verdadeira filha do Sagrado Coração de Maria.

Terminado o seu postulante e após ter estagiado alguns meses no Colégio do Porto, Emilinha partiu para o Noviciado da Casa-Mãe, em Béziers, na França.

Ali viveram os Fundadores que, com seu ideal, lançaram as primeiras sementes de uma missão totalmente entregue ao sopro e à direção do Espírito de Deus. E é este o espírito que perpassa até hoje cada recanto daquela Casa abençoada.

O Noviciado era bastante numeroso, com jovens de diferentes culturas e havia muita alegria entre elas. O Pe. Gailhac, anos atrás, gostava muito de participar dos recreios com as noviças e elas corriam alegremente ao seu encontro, quando ele aparecia na porta do grande corredor. Ele lhes dizia:

“Eh biens, chères enfants, amusez-vous, amusez-vous.” Brincavam muitas vezes de “chicotinho-queimado e o Fundador ria cheio de felicidade, apreciando aquele bando de jovens que se abria cheio de esperança para o futuro, com seus desafios e incertezas.”

O ano de 1897 ficou marcado para Emilinha pela emoção de ter recebido o Hábito, numa Cerimônia solene e tocante. Foi com emoção que ela tomou o seu novo nome ouvindo do Oficiante da Cerimônia:

- ***“Minha filha, de hoje em diante, você se chamará Ir. Maria de Aquino.”***

O novo Hábito, o novo nome e todo o contexto da Cerimônia convocavam a uma profunda renovação interior e este 1º de maio evocava um outro 1º de maio, 11 anos atrás, em que as Irmãs do Sagrado Coração de Maria chegaram a Chaves. Terminada a sua missão naquela cidade, elas partiram, mas hoje a Irmã Maria de Aquino era um ramo bem vivo daquela semente espalhada com amor.



Ir. Maria de Aquino Vieira Ribeiro



Esta nova etapa de sua formação foi dirigida com discernimento e sabedoria pela Irmã São Calixto que, tendo chegado à Casa-Mãe pouco tempo depois da Emilinha, para substituir a Irmã Sainte Constance como Mestra de Noviças, esmerou-se em modelar uma verdadeira Religiosa, que possuía tanta potencialidade de perfeição.

A Formadora considerava a sua noviça “única no gênero” e antevia o belo resultado de seu penoso trabalho. A noviça deixava-se moldar com docilidade, embora muitas vezes com sofrimento.

E as pequenas arestas iam sendo aparadas sem dó nem piedade. Em tudo ela crescia harmoniosamente, a dignidade e a simplicidade esbanjavam um sólido espírito religioso, mas num ponto ela desmoronava! E não havia quem a fizesse controlar-se! Era incontrolável mesmo o pavor que ela sentia por pequenos e inofensivos insetos. Na presença de alguns deles ela gritava: “Bicho! Bicho!”

Para as companheiras isto era um divertimento, para a Mestra um desafio e para a pobre Emilinha era um tormento!

Um dia, no recreio, apareceu um daqueles temidos insetos. Ia então ter início uma nova sessão daquelas, mas a Mestra interveio e, tentando curá-la, disse-lhe:

- *“Irmã Maria de Aquino, segure este inseto e percorra o pátio com ele na mão!”*

Ao som daquele estribilho: - “Bicho! Bicho!” e apertando-o entre os dedos, ela acabou matando-o sem querer, mas quem permaneceu bem vivo mesmo foi o pavor dela...

Num outro ponto a Irmã São Calixto foi muito mais bem sucedida em sua busca de imperfeições. Ela percebeu que a Emilinha desde sua entrada como postulante, ainda no Porto, nutria por ela uma afeição muito calorosa. A Irmã São Calixto tentou fazer dela uma pessoa forte e desapegada e conseguiu o seu intento.

- *“Curei-me de uma vez para sempre”, comentava ela mais tarde.*

O Senhor dos corações vinha formando-a para sua missão em vários cargos em que ela teria que ser toda de Deus e do próximo, num total despreendimento de si mesma. E percorrendo com graça e encanto

a sua trajetória, esmerando-se na humildade e fortalecendo-se numa fé destemida, ela viu chegar o dia radioso de sua Profissão Religiosa.

Todo o seu fervor encontrava eco na liturgia da Missa: “Bendize, ó minha alma, ao Senhor!” De fato ela experimentou e saboreou o quanto Deus “protegera-a à sombra de suas asas e guardara-a como a pupila de seus olhos!”

Diante do altar ela pronunciou conscientemente os seus votos e a intensidade de sua consagração não se desmentirá jamais. Nas épocas de alegria como nos grandes desafios pelos quais passou, uma coisa era bem nítida em seu coração: o tesouro de sua consagração a Deus, no Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Depois de sua Profissão, permaneceu ainda um ano na Casa-Mãe. Foi um ano de revigoramento espiritual e experimentou amplamente as palavras do Pe. Gailhac: “A paz é a herança dos humildes”.

Partiu de Béziers cheia de esperança e boas resoluções para o seu Portugal tão amado, onde ela iria iniciar a sua missão.



Capítulo 5

Início de sua Missão

O INÍCIO DE SUA MISSÃO

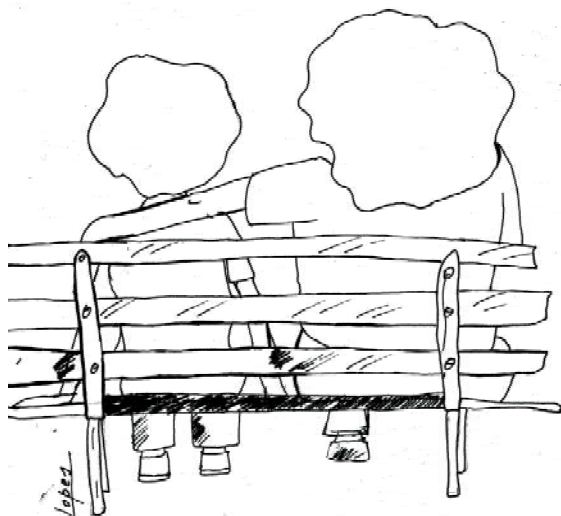
5 capítulo

“Que as suas palavras não sejam senão o eco da sua vida toda de Deus e para Deus!”

Pe. Gailhac

A primeira atividade apostólica da Irmã Maria de Aquino foi no Colégio do Porto, onde ela já tinha estado como postulante, iniciando a sua preparação para a vida religiosa.

Ela aí chegou em 1899 junto com outras Religiosas novas, vindas de Béziers e agora, como professa, ela ficou encarregada das alunas médias. Nesta idade, cheia de vitalidade e de contradições, surge uma vida nova que o verdadeiro educador sabe apreciar, admirar e respeitar. A Irmã Maria de Aquino soube lidar com as suas alunas. Com delicadeza e maleabilidade procurou compreendê-las e estimulá-las, orientando-se muitas vezes na herança espiritual que o Fundador deixou, com uma orientação cheia de sabedoria:



- “A doçura é o meio onipotente para transformar as pessoas. Vocês devem ter firmeza, mas muito mais ainda, vocês devem ter bondade e amor. A energia destituída de bondade transforma-se em dureza, cuja ação vai destruir muito mais do que construir. Posso dizer por experiência: o pouco bem que eu fiz - se o fiz ainda que pouco - se ganhei corações para

Deus, foi pela doçura, pela bondade, pela paciência e por uma contínua perseverança. Nada é tão poderoso quanto a doçura, quando ela se fundamenta no amor de Deus!”



A Irmã Maria de Aquino compreendeu e assimilou profundamente esses ensinamentos. Tudo isso penetrava no coração dela como a chuva em terra boa e para ela a doçura era a perfeição da bondade e da misericórdia.

Nestes primeiros anos, ela foi uma mestra que primava pela humildade, dando ênfase ao despojamento, característica bem sua. Ela dizia:

- *“Escolhamos o último lugar, sejamos pequeninas aos olhos das pessoas e seremos amadas por Deus.”*

A 30 de setembro de 1903 fez os seus votos perpétuos. Nessa data, não só ela confirma a sua opção, como desdobram-se perspectivas infinitas para o futuro, com desafios incalculáveis.

Uma companheira sua daquela época comentava:

- *“Ela era a perfeição nos menores pontos da Regra.”*

Naquela ocasião a política em Portugal tornou-se sombria e ameaçadora. A apostasia e o sectarismo dirigiam a Nação e, apesar disso ou por isso mesmo, as vocações religiosas multiplicavam-se. Daí surgiu a necessidade de abrirem um Noviciado em Portugal, na cidade de Penafiel, no mesmo prédio em que havia sido inaugurado pouco tempo antes, um Colégio. E quando tratou-se de nomear a Mestra de Formação, a Irmã Maria de Aquino foi a indicada.

E assim, a 3 de abril de 1904, ela chegou a Penafiel, com três noviças, para iniciar a sua nova missão.

Confiante em Deus, ela vai dirigindo as jovens aspirantes à vida religiosa no Sagrado Coração de Maria, com bondade, delicadeza e ponderação. Fala-lhes em nome de Deus e do dever e por isto as noviças cercam-na de respeito e admiração.

Nos seus ensinamentos a Mestra passa-lhes uma doutrina forte, a mesma que ela vive e, quer se trate de humildade, de silêncio, de espírito de fé, de mortificação, de regularidade, de obediência ou de caridade – que eram os seus temas preferidos – ela poderia terminar as suas conferências, dizendo-lhes:

- *“Sêde minhas imitadoras!”*

Em 1906 ela passou pelo desgosto de perder a mãe e do mais profundo de sua saudade, ela se lembrava da oração que fizera a Deus naquele longínquo dia da separação: - “Senhor, em troca deste sacrifício leva-a direto para o céu, no dia em que ela morrer!” A grande paz que inundou o seu coração deu-lhe a esperança de ter alcançado o seu pedido. E voltou para junto das noviças, extremamente pálida, mas consolada interiormente. “Bendito seja Deus por tudo!”

O ano de 1907 traz-lhe uma nova mudança de ministério. Ela deixa o Noviciado de Penafiel e parte para a cidade de Braga, como superiora do colégio.

Se em Penafiel prevaleceu a oração, em Braga a tônica vai ser a ação.

As noviças de Penafiel sempre se lembrarão, com carinho, do fervor e da tranquilidade daqueles tempos, sem esquecer as alegrias dos recreios com aquelas risadinhas gostosas da Mestra por causa das brincadeiras que animavam o ambiente descontraído.

Mas agora em Braga é uma atividade ininterrupta, com um Colégio movimentado e uma Comunidade com aproximadamente cinquenta Irmãs.

E ainda por cima veio substituir uma Superiora que era estimadíssima. A Irmã São Ligório Mac Mullin estava deixando Braga, onde tinha vivido em duas épocas diferentes, a primeira das quais como primeira Superiora daquela casa, com apenas 22 anos de idade. Ela conquistava todo mundo pela maneira amistosa com que se relacionava com as pessoas e pela bondade de seu coração estampada na limpidez de seus olhos azuis. Amou Portugal como sua pátria e agora estava se despedindo, de volta à sua amada Irlanda.

Uma Irmã narrou com cores vivas aquela despedida, que foi pungente! - “Não se descreve! Nunca vi chorar tanto por ninguém! Na sala da comunidade, as religiosas inconsoláveis rodeavam a superiora que, de joelhos diante do retrato do nosso Fundador, chorava copiosamente! Nenhuma de nós perguntava pela nova Superiora, de tal modo nos absorvia a dor de perder tão querida Mãe! Junto dela,



sentíamo-nos à vontade, tão confiantes como em casa junto de nossas mães... Igualzinho!

Ai, aquela partida! Parecia um dilúvio!”

E assim partiu, levando e deixando muitíssimas saudades, a querida Irmã São Ligório.

São Francisco de Sales descreveu as verdadeiras amizades, com maestria: - “Amar em Deus é amar para sempre e os que assim amam, por mais que se amem, nunca terão amado demais!”

E agora a Irmã Maria de Aquino, diante de tudo isto, assume resolutamente o seu novo encargo.

Desde o princípio ela demonstrou qualidades excepcionais para governar e dirigir: capacidade administrativa, largueza de vistas, amor ao trabalho, dedicação sobrenatural, rara prudência, energia indomável – todos estes dotes a serviço de um coração de mãe!

Durante três anos, rápidos e felizes, ela aí se dedicou à sua família religiosa, ao Colégio, aos amigos e a todos até onde ela conseguiu atingir, beneficiando-os com a riqueza de sua personalidade tão bem dotada.

Uma antiga noviça sua e agora religiosa nesta comunidade, descreve-a: - “O seu recolhimento e espírito interior não sofreram com a mudança de Penafiel para Braga. Nas horas livres, lá está ela no seu lugar na Capela, em profunda oração, alheia a tudo o que a cerca.

A caridade é a mesma e, apesar do trabalho extenuante, a todos atende com o seu ar bondoso e afável.”

O Padre Gailhac aponta o segredo para este êxito na formação das primeiras Religiosas: - “Através dos corações humildes e ardentes de amor, Deus faz prodígios que maravilham.”

Uma Irmã assim descrevia aquela comunidade: “Parecíamos uma só família muito unida e muito alegre. A vontade de uma era a vontade de todas. Gostávamos de dar prazer, ainda que não fosse senão nas pequeninas coisas.

Só vendo as nossas festinhas! Aqueles versinhos tão a propósito,

batendo no ponto vulnerável de cada uma, faziam rir com vontade! Fervor, caridade, alegria era o que se via entre nós. Por isso é que se cantava por lá:

*Vivam as nossas Irmãzinhas
Que são muito “rezadeiras”
E não deixam de ser também
Amigas das brincadeiras!”*

A Irmã Maria de Aquino sempre se lembrará com saudades daqueles tempos: - “Foi a melhor época da minha vida! Nunca vi Comunidade assim!” E a Irmã Sainte Foy repetia: - “Não é demais insistir na felicidade que se desfrutava na Comunidade de Braga!”

Este foi o último lugar em que a Irmã Maria de Aquino viveu em Portugal.

Deus permitiu que ela experimentasse sólidas alegrias e um período grande de tranquilidade como estímulo para uma generosa entrega, diante das grandes dificuldades que a aguardavam.

E assim ela se despede para sempre da sua terra tão querida, gravando na retina a imagem da Roma portuguesa: Cidade-Monumento, Cidade-Relicário, Cidade-da Virgem. E jamais se esquecerá também dos recantos agradáveis das férias de verão, junto ao Bom Jesus do Monte e à Virgem do Sameiro, no recolhimento daquele ambiente em que a alma se desprende para Deus, na harmonia etérea dos carrilhões.



Capítulo 6

O Furacão Revolucionário em Portugal

O FURACÃO REVOLUCIONÁRIO EM PORTUGAL

*“Ofereço-me a todos os sacrifícios
para salvar minhas filhas!”*

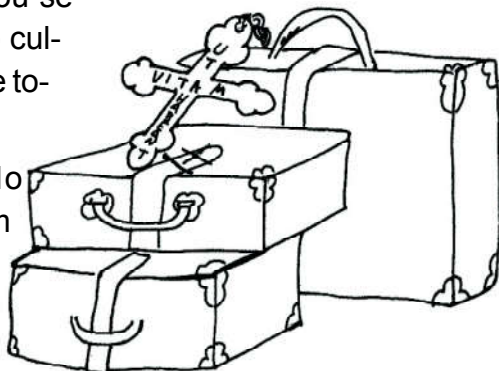
Ir. Maria de Aquino

Estamos no ano de 1910.

Depois de reconfortantes férias na Quinta do Adaúfe, toda a Comunidade se prepara para o recomeço das aulas.

As coisas porém tomaram um rumo bem diferente: um violento furacão revolucionário desencadeou-se sobre Portugal e o ódio à religião culmina com o decreto de expulsão de todos os sacerdotes e religiosos.

As Irmãs do Sagrado Coração de Maria sofreram duramente as consequências desse desatino.



Felizmente as Irmãs tinham acabado de fazer o seu Retiro anual e, diante daquela terrível perspectiva, é bem provável que o pregador, Padre Abranches, S.J., lhes tenha falado em termos fortes, preparando-as para sacrifícios extremos.

Generosidade no sacrifício: Deus os pediria e bem grandes!

Confiança inabalável: - “O Senhor tudo dispõe para o bem dos seus eleitos!”

Fidelidade até a morte: para seguir Jesus diante de um futuro ameaçador, caminho da Cruz percorrido pelo próprio Mestre.

O caminho é sempre o mesmo: do Tabor ao Calvário. Mas o



Calvário não é o fim de tudo, pois depois dele vem a Ressurreição!

A superiora Provincial, Irmã Eucaristia Lencastre, convoca todas as Superiores para uma Reunião de emergência no Porto e, na oração, fazem um discernimento sobre todo este doloroso contexto que as cerca. E a Provincial, guiada pela inspiração de Deus, indica a volta das Irmãs para as suas famílias como a solução mais prudente para este momento crucial.

Uma espada de dor penetra os seus corações: abandonar a vida de Comunidade e abandonar o Hábito! Que tormento dilacerante para quem fez da vida religiosa a grande opção de sua vida!

As despedidas são pungentes. A Irmã Maria de Aquino sofre mais ainda a dor de suas queridas filhas do que a própria dor. O sofrimento vem feri-la no mais íntimo do seu coração e só Deus conhece a intensidade do seu martírio!

Para conseguir reunir novamente as Religiosas e reorganizar a vida de Comunidade, ela está pronta para qualquer sacrifício.

No meio de toda esta tempestade, ela se conserva imperturbável. Uma verdadeira “alma de rochedo”, cuja força está no abandono nas mãos de Deus. Esta atitude de entrega é uma das principais características da sua espiritualidade.

- “Ainda que eu atravessasse o vale escuro, nada temerei, pois estás comigo.” Sl. 23, 4.

E sua força interior sustenta as Irmãs. Ela lhes diz: “Coragem, minhas filhas, nós nos reuniremos outra vez!”

Quando e onde? Ela não sabe. Pastora de almas, ela dará a vida por suas ovelhas. É a prova do amor!

Uma última visita à Capela, um último olhar para todo aquele ambiente com tanta unção religiosa e dispersa-se o rebanho.

Momentos de grande sofrimento. A árvore, violentamente sacudida pela tempestade, mais se enraíza na terra.

É o tempo da poda. Com ela a seiva circulará nos ramos com mais vigor, as flores serão mais abundantes e os frutos mais doces.

Repelidas por sua própria pátria, as Irmãs do Sagrado Coração de Maria vão buscar em outros países um outro campo de ação.

A verdadeira pátria da Religiosa é o universo inteiro. Entregando-se a Deus, ela se entrega também a todos os seus irmãos e irmãs espalhados pelo mundo. Esta é a doutrina do Padre Gailhac, que ensina: “O zelo é a característica do Instituto. Ter zelo é cooperar na salvação das pessoas, sob a proteção do Sagrado Coração de Maria. Felizes serão aquelas de vocês que a obediência designar para as missões mais penosas e difíceis, mais contrárias às máximas humanas e aos desejos da natureza.”

A Irmã Maria de Aquino conhecia muito bem esses ensinamentos e não recuará diante de nenhuma dificuldade, para cooperar com Jesus na redenção do mundo.

E onde será a sua nova missão?

O Brasil surge-lhe como uma visão promissora. O desafio é grande! Mas ela não conhece indecisões quando a proposta é a glória de Deus e a realização de sua santa vontade.

A Irmã Eucaristia e a Irmã Maria de Aquino viajam para a Casa-Mãe, a fim de obterem a bênção da obediência para esta fundação.

A Superiora Geral, Irmã Sainte Constance Farret, vê este projeto com precaução, porque o julga temerário, mas cede e dá a sua autorização.

A Irmã Maria de Aquino é consciente da força de Deus que atua através dela e por isso nada teme.

Na ida até Béziers, as viajantes vão até Lourdes e lá a Irmã Maria de Aquino se reabastece no calor do amor materno de Nossa Senhora. Ela reza: “Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas!” E ela ouve no mais íntimo do seu ser: “Meu Coração, que você vai tornar conhecido e amado, será o seu refúgio para sempre!”

Deus ama as pessoas generosas e coloca-as em situações difíceis para que alcancem a vitória. Sendo “um único espírito” com Deus, é ele



mesmo quem triunfa nelas, como diz o Salmo 13, 1 : “O justo se alegrará na tua força.”

A Irmã Maria de Aquino experimentou uma longa ascensão percorrida com heroísmo: heroísmo de coragem, de entrega total à Providência, de paciência nas dificuldades, de silêncio nas contradições... e enfim e sobretudo, heroísmo de amor a Deus e ao próximo, em toda a parte e sempre, até ao fim!

E o Sacré-Coeur de Marie do Brasil nascia lá, naquela gruta bendita, fruto da entrega total da Irmã Maria de Aquino à Virgem de Lourdes.

Capítulo 7

Rumo ao Brasil

*“O firmamento lhes mostra ao longe um cruzeiro estrelado:
são braços luminosos, abertos generosamente,
num amplo gesto de amor.”*

Logo que chegadas a Portugal, a Irmã Maria de Aquino comunica a todas as Irmãs a boa notícia de que foi conseguida a permissão para uma fundação no Brasil.

As Irmãs vibram de alegria.

Não lhes custaria então deixar a Pátria, suas famílias e seus amigos? Sim, ia ser um grande sacrifício, mas o que as motiva mesmo é poderem reorganizar sua vida religiosa, encontrando-se novamente numa vivência comunitária voltada para a missão.

As três primeiras escolhidas para a fundação no Brasil foram as Irmãs Maria de Aquino, Maria de Assis e Sainte Foy.

A despedida de Portugal foi no dia 21 de fevereiro de 1911 e um Diário minucioso deixou-nos muitas notícias sobre este acontecimento.

Às 12,30 h elas tomam o trem que as levou do Porto a Leixões. Antes de saírem, rezam fervorosamente, entregando a Jesus suas vidas, suas esperanças e suas ansiedades.

A Irmã Eucaristia, cheia de solicitude, quer acompanhá-las até ao fim e, mesmo depois da separação, permanecerá sempre unida a elas pelo carinho e pela oração.

Além da tristeza da separação, vão surgindo os imprevistos de última hora.

Os documentos da Irmã Maria de Assis, pedidos com tanta

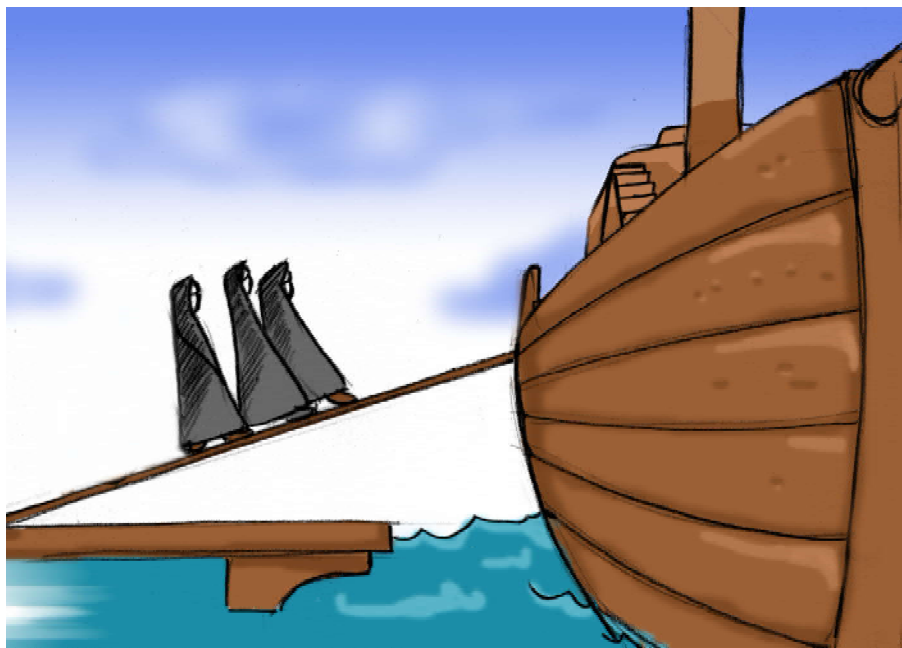


antecedência, não chegaram e ela não pode embarcar. Finalmente, depois de muitos sobressaltos, conclui-se que eles não são indispensáveis e todas respiram aliviadas.

Outra coisa: no meio do caminho para Leixões elas percebem que não trouxeram as passagens do navio! Ninguém se lembrou de trazê-las. Que aflição! Às 14:00 horas será o embarque e às 16:00 o vapor partirá.

Uma das Irmãs, a Maria do Coração Imaculado, volta então à cidade do Porto para buscá-las e, enfim, lá pelas 16:00 horas, para alívio geral, ela aparece, agitando com alívio as preciosas passagens!

Enfim, elas entram no navio para visitá-lo. É o “Cap-Vert” que, majestoso, parece dar-lhes as boas-vindas. Os lugares reservados para elas são excelentes e elas apreciam os encantos do mar, sereno e lindo.



O navio sairá com algum atraso devido à grande quantidade de carga e a partida fica marcada para as 21:30 horas. Às 20:30 são os últimos e dolorosos abraços. Conforta-as as palavras da Provincial: - “Vocês vão levar o Coração de Maria das terras de Santa Maria para as terras de Santa Cruz!”

A Irmã Sainte Foy expressa o sentimento de todas: - “Por vós, meu Deus, todos os sacrifícios são pouca coisa e, em vosso Coração, empreendemos esta viagem que nos há de levar a um novo campo missionário. Outros e muitos vão para lá ganhar riquezas, grandes tesouros... Nós vamos também, com ânsia de ganhar tesouros de inapreciável valor.

Ó meu Deus, ambiciosas que somos! Queremos tesouros que neste universo tão rico de maravilhas nada pode pagar: queremos seres humanos que resgatastes com o vosso sangue, queremos firmá-los no vosso amor, educando-os para vós! Abençoai os nossos desejos, inspirai, encorajai, fortificai este pequeno grupo de religiosas vossas, que deixam as terras de Santa Maria, em busca das terras de Santa Cruz, já regadas pelos suores de tantos mártires e intrépidos Apóstolos!”

Depois das despedidas elas fizeram a oração da noite e foram descansar.

O “Cap-Vert” vai cortando as águas do Atlântico e as nossas viajantes, cheias de saudades, vão vendo os últimos recantos de sua pátria tão querida, fugindo na vastidão infinita de infinitos horizontes. - “Adeus, Lisboa! Adeus, Portugal! Os corações que mais te amam, tu os rejeitas!”



Depois ficam só o céu e o mar, numa monótona paisagem por dezessete longos dias.

A saúde delicada da Irmã Maria de Aquino ressentia-se dos balanços do navio, sendo este mais um dos tantos sacrifícios que Deus vinha lhe pedindo.

O Diário narra que a viagem, embora longa, teve também momentos de grande movimento. Primeiramente foi um caso de morte, ou melhor, de duas mortes. Sim! Algo estava acontecendo de anormal no ambiente. As Irmãs Maria de Assis e Sainte Foy vão à terceira classe do navio, ao local onde aconteceu o problema e, chegando lá, ficam comovidas.

- *“Quem morreu?”*

- *“O boi e o bezerrinho que vinham a bordo...”*

Outro momento inédito foi a festa de passagem do equador. O convite escrito em português e alemão, com letras bem grandes, anunciava que a cerimônia se revestiria de grande brilho: - “Hoje, grande festa do equador, jantar de gala, depois, batismo e baile no convés!”

A Irmã Maria de Aquino consegue livrar-se porque estava adoentada, mas as outras duas sentiram-se na obrigação de comparecer. Trajando seus despretensiosos e simples vestidos pretos, elas tiveram que comparecer à festa, ao lado de damas e cavalheiros trajados com requinte, conforme as circunstâncias exigiam.

Um tanto deslocadas, as duas ficaram numa mesa reservada para elas, à entrada do grande salão, que estava todo ornamentado com decorações alemãs e venezianas.

O jantar foi aprimorado e, depois de servido o último prato, acendem-se as numerosas lanterninhas e apaga-se a luz elétrica. Ao som da música, entram no salão todos os empregados, com fantasias engraçadíssimas, trazendo doces e sorvetes em pratos iluminados. Solenemente eles dão três voltas em torno da mesa. Aí então reacenderam-se as luzes e foi servida a deliciosa sobremesa.

Nossas viajantes souberam apreciar aquela alegre brincadeira, mas, logo que puderam, voltaram para perto da Irmã Maria de Aquino,

cuja saúde as preocupava. Devido à sua indisposição, ela estava com um duro regime: água gelada e um pouco de fruta. Como no navio não sabiam do seu mal-estar, em vão elas pediam alguma coisa extra...

Enfim, o término da viagem se aproxima e já em águas brasileiras passam por Recife, a Veneza Brasileira, edificada entre rios e pontes. Em seguida, na Bahia, Salvador, a cidade histórica muito próxima de Braga pelas suas tradições e pela religiosidade.

Estão agora nos últimos dias a bordo.



Elas já avistam as primeiras montanhas do Rio de Janeiro e ficam deslumbradas com a beleza incomparável da Baía de Guanabara.

*Baía de Guanabara e Avenida Atlântica
Rio de Janeiro - Brasil*

Por uns instantes a visão daquela beleza incomparável lava-lhes a alma e proporciona-lhes uma agradável sensação de estarem recebendo os sinceros e calorosos votos de Boas-Vindas. Era o grande coração brasileiro que acolhia com carinho o “Sacré-Coeur de Marie”.

É admirável a ação de Deus! O homem planeja uma ação destruidora. E o tufão da revolução procura arrancar até as raízes de qualquer espécie de cristianismo! Mas Deus se serve deste desabamento para erguer diante das filhas do Padre Gailhac um luminoso roteiro de esperanças!



- Expulsas, estas religiosas? Não!
- Não! Ao contrário, são precursoras!
- E devem apressar-se, porque em breve a Grande Mensagem de Fátima: - “E o meu Coração triunfará!” eclodirá de Portugal para todo o mundo católico. No Brasil as Irmãs do Sagrado Coração de Maria foram fiéis transmissoras da mensagem bendita de 1917 e sua missão especial é divulgar a devoção a este Coração Sagrado. - “Fátima! Posto-transmissor da Rainha do Céu!” E quando sua voz ecoar pelos ares, o Brasil já terá seus postos receptores, instalados pelas Irmãs portuguesas que hoje estão chegando às terras brasileiras!

Isto será uma glória para elas, mas esta glória só se compra com a única moeda que circula nos Bancos divinos.

A Irmã Maria de Aquino assinou um Cheque de valor: “Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas!”

Se seus olhos pudessem vislumbrar o futuro, ficariam deslumbrados com a magnífica expansão de sua obra!

10 de março de 1911. Meio-dia! As três primeiras Irmãs do Sagrado Coração de Maria pisam em terras brasileiras. Ao desembarcarem, procuram algum rosto conhecido, alguma saudação amiga, mas ninguém as esperava. “Era o exílio em toda a sua intensidade.” Estão sozinhas nesta cidade imensa e desconhecida!

A Irmã Sainte Foy tem um primo que poderá ajudá-las mas, antes de conseguirem encontrar a casa dele, deverão ainda passar por momentos difíceis.

Procuram daqui e dali e, encontrando uma igreja, entram nela para desafogarem um pouco os corações. Depois recomeçam a caminhada pelas ruas movimentadas da imensa Capital, prostradas pelo cansaço e pela fome, debaixo de um sol fortíssimo!

A Irmã Maria de Aquino só tinha se alimentado com um pouco de fruta e somente a força de Deus é que a sustenta. Mas enfim chegam à casa da família que as receberia e foram acolhidas com muita amabilidade.

Todas precisam de alimentação e de repouso. E como será o dia seguinte? Será longo e cansativo, mas elas começaram bem cedinho pela Missa, na Igreja de São Francisco Xavier, a fim de fortalecerem seus espíritos com a oração. Depois do almoço, retirada das bagagens. A Irmã Sainte Foy foi com o primo dela, que se ofereceu para esta tarefa e a Irmã Maria de Aquino acompanhou-os. A Irmã Maria de Assis ficou em casa, rezando para que as bagagens passassem com facilidade pela Alfândega. Elas estavam preocupadas, e com razão! São dezoito volumes e algumas coisas são comprometedoras: sedas, flores, paramentos, vasos sagrados, etc.

E como os funcionários fizeram bem o seu dever! Inspecionam tudo, sem escapar nada! No final, quando as Irmãs Ihes são apresentadas, eles comentam com um sorriso brejeiro: “As senhoras trazem aqui tudo o que é necessário para uma linda Capela. Por um só raminho destes aqui, as senhoras deveriam pagar... pagar... Mas rezem por nós e desculpem por termos desarrumado as malas...”

A Irmã Sainte Foy comentou no seu Diário: “Foram prestativos o mais que puderam. Como são bons todos estes brasileiros!”

O êxito desta empreitada mostrou que a Irmã Maria de Assis sabia rezar e que Santo Antônio, a quem elas pediram esta graça, é mesmo milagroso!...

Neste forçado passeio ao cais do porto, elas puderam contemplar as graciosas montanhas que circundam a cidade, a beleza dos edifícios e as largas avenidas. Visitaram também a igreja da Candelária e a Irmã Sainte Foy comentou em seu Diário: “imitação da nossa Basílica da Estrela, porém mais bela ainda.” Lá elas se encontraram com o Padre Castanheira, a quem elas tinham sido recomendadas e que muito lastimou o atraso com que ele chegou ao cais. Cercou-as de atenções e prometeu ajudá-las em tudo o que lhe fosse possível e cumpriu o prometido, mostrando-se sempre muito dedicado e amigo.

À noite as Irmãs despedem-se agradecidas da família que as hospedou e viajam para Mariana.



Foram de trem e compraram passagens de segunda classe porque era preciso economizar o dinheiro, que já estava ficando escasso...

Aguardava-as longa e penosa viagem, num trem sem conforto, sacudindo impiedosamente. Ao martírio físico, junta-se o martírio moral: quantas apreensões! Elas, no entanto, como sempre, buscam refúgio nos braços reconfortantes da Providência Divina!

Capítulo 8

*O Início da Longa Busca:
Mariana*

Para se chegar a Deus passa-se pela cruz, porque todo o bem vem do Calvário.”



*Igreja São Francisco de Assis
Igreja Nossa Senhora do Carmo
Mariana - MG - Brasil*

O trem sai do Rio e vai atravessando os extensos subúrbios. A Irmã Sainte Foy registra as impressões de todas: “Era lindo ver, em rapidez vertiginosa, uma multidão de luzes de cores variadas que se refletiam nos regatos e lagos. Começou depois a rarear esse conjunto de belas casas de campo e a lua, em todo o seu esplendor, prateava as águas, avolumava as montanhas e respeitava os recôncavos dos vales. Era lindo o panorama e meus olhos ávidos procuravam perceber, o quanto podiam, essa região inteiramente nova.

À temperatura sufocante sucede a frescura da noite e os olhos se fecham pesados de sono...Foi uma noite inteira de viagem e a Irmã Maria de Aquino inspira cuidados, mas as três estavam ansiosas para começarem a sua missão e para reunirem uma Comunidade bem fervorosa.”

Finalmente, às 11,30 h, com um apito mais estridente, elas chegam a Ouro Preto, exaustas e cobertas de poeira.

Informam-se sobre a ida para Mariana, certas de que poderiam ir a pé e em pouco tempo. Coitadas! Eram mais de duas léguas de distância e o único meio de locomoção eram os animais de aluguel. E elas que já sonhavam com uma pequena casa onde pudessem logo se organizar e viver na paz de uma Comunidade! Mas ainda não é a hora e



muitos outros contratemplos lhes restam!

Dirigem-se então a um hotel para tomarem um pouco de café com pão. Não podem pagar um almoço. O dono do hotel, compreendendo a situação delas, nada cobrou e ele, pessoalmente, providenciou o transporte para levá-las até Mariana. A Irmã Sainte Foy, apesar de exausta e da distância ser longa, confessa que prefere ir a pé. Ela não sabe andar a cavalo e está cheia de medo. E o medo se transforma em pavor, quando ela vê, na porta do hotel, as mulas altas que as aguardam. Ela geme aflita:

- *“Eu que contava com uma jumentinha mansinha...” Mas ela foi pacientemente instruída na arte da equitação: segurar bem as rédeas, manter-se firme, etc.*

Ela mesma vai contar como foi a viagem:

“Foi um acontecimento para a pacata cidade de Ouro Preto a partida da nossa cavalgada. À frente a mula das bagagens. A seguir, a melhor cavaleira da caravana: Irmã Maria de Assis. Eu, como a mais inexperiente, fui colocada no meio. Na retaguarda ia a Irmã Maria de Aquino. E a cavalgada ia sendo seguida pelo guia.

Logo que começou o desfile, por uma ladeira íngreme, a minha mula quis passar à frente. Eu me senti como que em cima de uma ponte movediça e, a custo, reprimi um grito. Momentos depois, porém, já começava a me habituar e cautelosa, mas confiante, olhava de relance para as minhas queridas companheiras que me ficavam para atrás. Íamos tão ocupadas em nos segurarmos que mal nos podíamos olhar. No entanto, logo que deixamos a cidade, comecei a inteirar-me do novo panorama. Sempre montanhas e vales, com a natureza em toda a sua bela simplicidade. A estrada estava deserta e só de vez em quando é que passava algum rapaz em direção a Mariana ou a Ouro Preto.

Eu já imaginava reunir todas aquelas crianças para lhes ensinar a conhecer e amar a Jesus!

As mulas iam mais devagar do que o passo do homem e com isto levamos três horas e meia para chegarmos a Mariana.

Os habitantes da cidade acorreram para ver passar aquela

estranha cavalgada. Dão na vista os nossos vestidos pretos e nossos chapéus de inverno em contraposição a todos eles, de roupas claras e leves.

Saltamos à porta do Paço, despedimo-nos do guia e esperamos na sala de entrada. Nosso coração batia forte!”

Aparece o porteiro e a Irmã Maria de Aquino entrega-lhe a carta do Arcebispo de Braga. Ele recebe-a gentilmente, mas informa que o Arcebispo só sairá do quarto às cinco horas, quando então lhe entregará esta carta. Mas ele diz que pode falar com a D. Jacinta, irmã do Arcebispo.

- “Sim, então, por favor, chame a D. Jacinta.” Mas momentos depois volta ele e informa que a D. Jacinta também está descansando e não pode atendê-las no momento. Então elas, exaustas e com um calor sufocante, sentam-se num banco por ali e começaram a rezar o terço. Pouco depois aparece novamente o porteiro e convida-as a entrarem para o salão, porque o Arcebispo já as atenderia.

Terão, enfim, chegado ao final daquele tão longo peregrinar? A chegada do Arcebispo tira-lhes qualquer ilusão!... Ele pensava tratar-se de Religiosas Hospitalares e não de Educadoras. Recebe-as bem, mas informa-lhes que em Sete Lagoas o vigário atenderá a tudo o que lhes for necessário. Ele até já tem em vista uma Chácara para se construir o Colégio.

A Irmã Maria de Aquino explica-lhe a finalidade do nosso Instituto e enquanto conversam, vão caminhando para a sala de jantar, onde já estavam quatro Sacerdotes.

Nossas Irmãs se sentem pouco à vontade por estarem sem os seus Hábitos e na leitura do jantar sobre Os Sermões de Vieira aumenta ainda mais o mal-estar delas, pois parece que até ele tramava contra elas!

A leitura dos Sermões era sobre a inconveniência de certos pedidos. Dizia ele: - “Não sabeis o que pedis! Nenhum homem há neste mundo (falando do céu abaixo) que saiba o que deseja nem o que



pede... Pediria Sansão a Filistéia, se soubesse que ela havia de ser a causa de sua afronta, de sua morte e de perder os olhos com que a vira? Pediria o Pródigo a herança antecipada, se soubesse que com ela havia de comprar a miséria, a servidão, a desonra? Claro está que não. Pois se agora não haviam de pedir nada do que pediram, senão antes o contrário, por que o pediram então? Já sabeis a resposta. Pediram-no porque não sabiam o que pediam: pediram-no, porque ninguém sabe o que pede”.

Vieira! Vieira! Tenha piedade de nós, Vieira!...

O leitor prossegue: “Ai, homem cego que não sabes o perigo em que te metes!... Ai, que alcança o que pretende, se vai ao inferno! Pretende o Brasil, se vai ao Brasil, perde-se; pretende a Angola, se vai a Angola, condena-se...”

A Irmã Sainte Foy indagava-se:

- *“Será que isto é para nós que desejamos com tanto ardor estabelecer-nos no Brasil? Mas só desejamos trabalhar para o bem das pessoas e viver em Comunidade!”*

Vieira calou-se antes do fim do jantar.

Dom Silvério conversa um pouco com elas e depois pede a um Padre que as acompanhe até o Colégio das Irmãs de São Vicente de Paulo, onde são recebidas com a mais viva expressão de carinho e simpatia. A Superiora vem logo ao encontro delas, ainda do lado de fora da casa e as outras Irmãs também logo chegam. Imediatamente levam as bagagens delas, cercam-nas de atenções e a superiora convida-as a visitarem, em primeiro lugar, o Dono da Casa!

A Irmã Sainte Foy conta-nos como foi este encontro: “Que emoção ao ver-nos rodeadas de Irmãs nossas na vocação! Parecia-nos que, depois de uma longa e penosa caminhada por um deserto árido e sufocante, estávamos chegando a um oásis para repousarmos por alguns momentos, pois sentíamos que ainda não tínhamos chegado ao término da nossa viagem. As Irmãs nos acompanharam até um quarto preparado para nos receber. Nada foi esquecido. Sacudimos um pouco a poeira e fomos para a Capela. Era um sacrifício muito grande para nós não

estarmos ainda usando os nossos Hábitos... O Senhor tem-nos contrariado em tudo... Bendito seja Ele!

A Capela, como se parece com a nossa de Braga, com a imagem do Coração de Maria no altar principal! Depois de uns quinze minutos, a sacristã acendeu a lâmpada, a fim de realçar a linda imagem de Maria. As alunas internas entraram e começou a celebração do mês de São José. Ouviam-se os acordes do órgão e as vozes límpidas das alunas. Então a nossa dor, por tanto tempo reprimida na presença de estranhos, expandiu-se. Era a nossa vida de antigamente que nós estávamos vendo ali. Era a Comunidade reunida, rezando fervorosa. Eram as nossas queridas alunas que cada uma de nós recordava. Eram as inesquecíveis horas passadas diante do Santíssimo. Quando é que também nós teríamos um lugar de oração, de trabalho e de repouso?...

Como invejei a felicidade destas Irmãs! Nós três chorávamos e expandíamos a nossa dor, saudade e inquietação, diante do Senhor. Bem sabemos que Ele vê tudo e não nos abandona. No meio de nosso sofrimento, agradecemos-lhe o fato de ter-nos escolhido para virmos antes, abrir o caminho, calcar, para os afastar, os espinhos do caminho..."

E pensam também na pátria distante, onde a Provincial aguarda um telegrama, comunicando a chegada delas e também o número de outras Irmãs que ela já pode enviar para o Brasil.

Pobre Irmã Maria de Aquino! Que resposta ela poderá enviar? Não tem dinheiro nem para passar este telegrama e teve que recorrer à caridade do Padre Castanheira.

Toda esta situação causa-lhe um impacto muito doloroso! Ela imaginava que o Arcebispo as acolheria em Mariana, porque ele recebeu muito bem o pedido do Padre Paretto, Superior dos Salesianos, que lhe escreveu de Portugal.

E agora ela não tem dinheiro nem para a viagem! Que lhes reserva Sete Lagoas?

Ela conversou, com toda a confiança, com a Superiora e pediu-lhe que lhes arrumasse somente dois animais, na volta para Ouro Preto.



Um deles levaria as bagagens e o outro seria para elas irem se revezando. Mas a Irmã Maria de Assis e a Irmã Sainte Foy decidiram que elas duas fariam toda a viagem a pé, para que a Irmã Maria de Aquino tivesse o menor desconforto possível. Porém a Superiora das Irmãs de Caridade opôs-se a este plano, dizendo-lhes: - “São Vicente precisa fazer alguma coisa pelas Irmãs! Não se incomodem. Os animais não custarão nada.” E consolou-as, animando-as com uma caridade excepcional.

Depois de passarem o recreio da noite com aquela tão acolhedora Comunidade, foram descansar e precisavam mesmo, porque lhes restavam ainda muitas caminhadas e muitos tropeços!

No dia seguinte, às 5,30h já estavam na Capela para a Missa e com que consolo puderam enfim receber a Comunhão, depois de vinte dias de falta total! E era como se cada uma escutasse no fundo de seu coração: “Come e anda, porque ainda te resta um logo caminho a percorrer.” - 1 Reis 19, 7.

Elas tinham rezado muito, pedindo às almas do purgatório que lhes arranjassem a condução e também a carta que o Arcebispo tinha prometido para o vigário de Sete Lagoas. Foram atendidas em suas orações.

Depois das mais efusivas despedidas, elas partem para o desconhecido, levando uma quantia adequada para as primeiras despesas e uma boa merenda. Levaram sobretudo uma profunda gratidão pelas Irmãs de São Vicente de Paulo da cidade de Mariana.

Os animais agora são mais rápidos do que os da ida e logo elas chegaram a Ouro Preto. No dia seguinte, recomeçam a longa viagem, deste vez para Sete Lagoas, chegando lá às doze horas e trinta minutos.

Será que agora tudo dará certo?

- Ainda não!

Queridas Irmãs, o Senhor deve amá-las muito para enviar-lhes tantas cruzes!

E o que dizer da Irmã Maria de Aquino? - Transbordará o cálice da amargura. “E uma espada de dor lhe transpassará a alma!”

Capítulo 9

O Sofrimento em Sete Lagoas

O SOFRIMENTO EM SETE LAGOAS

*“Cada página imortal do ser humano é escrita
com o seu próprio sangue.”*

A estrada para Sete Lagoas apresentava uma paisagem na direção de Ouro Preto bastante austera, com montanhas denticuladas, caminhos cercados de abismos e terreno pedregoso.

A Irmã Maria de Aquino certamente contemplou aquela paisagem e sensibilizou-se diante do convite que ela faz a um esforço imenso e irredutível. Ao mesmo tempo aquelas montanhas retratam as grandes almas, destemidas e persistentes, que seguem com afinco o ideal vislumbrado. Imagem das grandes vidas, da sua própria vida!

Na vida da Irmã Maria de Aquino, Sete Lagoas é o cume do desafio à sua virtude: “Sete Lagoas, Sete Dores!” Aqui ela vai beber a parte mais amarga de seu cálice de dor e aqui também ela vai identificar-se profundamente com o mistério do Cristo sofredor: o mistério do sofrimento.



*Catedral de Santo Antônio
ponto turístico de Sete Lagoas*

Aquela sua oração: “Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas!” foi aceita por Deus e os sofrimentos então desabam como chuva impetuosa, deixando-lhe como único abrigo a apaziguadora e reconfortante vontade de Deus.

Fiel no sofrimento como tinha sido na alegria, seu coração se despoja, para avançar torturado pela região do sobrenatural.



Os três meses de Sete Lagoas foram um verdadeiro martírio! A Irmã Sainte Foy sintetiza aquela experiência com este comentário: “Não se descreve o que sofremos.”

A Irmã Maria de Aquino esperava encontrar lá uma casa onde elas pudessem iniciar a vida comunitária.

O Arcebispo de Mariana, D. Silvério, tinha comentado que em Sete Lagoas havia uma Chácara já reservada para elas. Mas “o homem propõe e Deus dispõe”. Elas nem chegaram a conhecer aquela Chácara, porque uma pessoa contagiada com morfêia tinha morrido ali por aqueles dias e aquela área toda ficou fora da possibilidade de alguém morar lá, como era costume naqueles tempos.

As Irmãs então tiveram que ficar morando na casa do Vigário, que as recebeu muito bem. Ele foi morar em outro lugar, mas foi uma dificuldade enorme, porque a casa era bem pequena para abrigar vinte e uma pessoas: dezessete Religiosas, com a chegada em breve de dois grupos, e quatro parentas do Vigário. Não há casas para alugar. A cidade é dominada pela maçonaria e pela política e os moradores da cidade mostram-se indiferentes.

Os dias vão-se passando, os sacrifícios vão-se acumulando, além das bagagens que não chegam, o que as priva das coisas mais elementares. Nem ao menos o Hábito elas podem usar, porque, também eles, estavam na bagagem que não chega de Portugal.

É também o atraso no recebimento do cheque emitido pela provincial, o que as força a uma total e frustrante inação. A Irmã Sainte Foy registra esta situação: “Meu Deus, nós merecemos tudo isso, mas fizemos trabalhar!”

É urgente abrir-se um Colégio, não só para atenderem as famílias como também para cobrirem as despesas. Mas não se encontra uma casa adequada e tudo não fica senão em promessas!

Não bastando tudo isto, um telegrama anuncia a chegada de outro grupo de Irmãs!

Devido à dificuldade quase intransponível na comunicação de um país para o outro, a Madre Eucaristia, em Portugal, desconhece totalmente

a situação em Sete Lagoas.

A chegada de um novo grupo aumenta a agonia da Irmã Maria de Aquino, que não quer ser um peso para o vigário. Ele, no entanto, não quer que falte nada a elas, mas não pode arcar com as despesas. Foi um sofrimento para ela o ter que comunicar-lhe o recebimento de um telegrama, informando a chegada de um outro grupo.

E as viajantes são esperadas. Os dias vão-se passando e elas não chegam!... Então já são as preocupações porque elas não chegam. Se chegam, é um problema, se não chegam, é outro tipo de problema!

Enfim, quando ninguém estava pensando, chegam elas inesperadamente! Que alegria! Chegam risonhas e felizes, apesar de exaustas com as mil peripécias da viagem. E para variar, na chegada ao Rio de Janeiro, ninguém as esperava no cais. O Padre Castanheira não foi avisado a tempo, mas felizmente um senhor português ajudou-as no desembarque e elas foram para a Comunidade das Irmãs de São Vicente de Paulo, em Botafogo, onde permaneceram por oito dias.

A Irmã Purificação, que veio neste grupo, descreve a amabilidade extrema da Superiora daquela Comunidade e a situação embaraçosa em que ela se encontrou. Passou pela rua um rapaz vendendo jornais e anunciando notícias de Portugal. A Superiora mandou comprar o jornal e entregou-lhe, dizendo-lhe que o lesse em voz alta, no refeitório, acrescentando com bondade: “Os acontecimentos interessam a todas, não é verdade?” E a Irmã Purificação continua:

- *“Abafei o meu embaraço, tomei dignamente o lugar que me era oferecido e comecei com voz firme a minha leitura, enquanto aquela multidão (eram mais de cem Irmãs) me ouvia em profundo silêncio.*

O Padre Castanheira pagou-lhes as despesas com as bagagens e completou o excedente das passagens de trem, para que elas pudessem ir na primeira classe. E a Irmã Sainte Foy comentou no seu Diário: “Caridade por toda parte! Sem isso, que seria das nossas pobres Irmãzinhas?”



Este dia trouxe muitas alegrias pelo alegre reencontro das Irmãs, mas onde alojá-las? Já é o dia 8 de abril e não aparece nenhuma casa. O Padre Menezes aconselha a Irmã Maria de Aquino a abrir casas no Rio ou em São Paulo. Ela então se preparava para uma viagem ao Rio, a fim de decidir este problema, quando lhe chega de Mariana um telegrama da Superiora das Irmãs de São Vicente, comunicando-lhe a chegada de mais dez Irmãs.

A Irmã Maria de Aquino telegrafia imediatamente, pedindo que a Irmã em Mariana segure as dez viajantes por lá, durante uns três ou quatro dias. Ela precisa tomar com urgência algumas medidas de primeira necessidade: camas, colchões e uma casa para abrigá-las. O telegrama não chegou e chegaram as Irmãs, trazendo muita alegria, mas causando também um grande rebuliço.

Afligem-se as Irmãs, chora a Irmã Maria de Aquino e chora o Vigário.

As Irmãs que chegaram neste grupo foram: Irmã Evangelista, Irmã Vítima, Irmã Rita, Irmã Albina, Irmã Adelina, Irmã Eduarda, Irmã Efigênia, Irmã Judith, Irmã Amália e Irmã Catarina.

As viajantes contaram as notícias da viagem, o que desanuviou um pouco as tensões de todo o grupo, com relação às acomodações delas todas.

Para começar, ninguém as esperava no cais e elas foram alvo de olhares interrogadores... Tantas senhoras vestidas de preto e com uma quantidade tão grande de embrulhos... Um dos curiosos gritou:

- “Viva o Afonso Costa! Viva o Afonso Costa!” Mas felizmente não foi além disso!

A Irmã Evangelista, logo que desembarcou no Rio, dirigiu-se ao Mosteiro de São Bento, a fim de deixar lá uma postulante para o Mosteiro de Santa Maria. Em Recife pediram-lhe este favor.

Recebeu-as o Abade Crisóstomo, com aquela característica hospitalidade beneditina e impôs à Irmã Evangelista a ordem de trazer também as outras nove Irmãs para almoçarem e jantarem no Mosteiro e, ainda para melhorar, servidas por um sacerdote português. Mandou ainda

preparar merenda para as dez Irmãs, pagou a diferença do preço das passagens da segunda para a primeira classe e mandou uma carta de recomendação para o Vigário de Ouro Preto. Até a bagagem foi despachada gratuitamente.

Quando chegaram em Mariana e o Arcebispo as viu, levou as mãos à cabeça, lastimando o pobre vigário de Sete Lagoas. Onde ele as colocaria? Além disso, elas fizeram uma viagem desnecessária de Ouro Preto a Mariana, em vez de irem direto para Sete Lagoas. Já sendo tarde elas não poderiam voltar e D. Silvério recorreu, mais uma vez, à caridade das Irmãs Vicentinas. De lá veio a bondosa e reconfortante resposta de sempre: “Pode mandar quantas pessoas quiser!” E foram tão bem recebidas que uma Religiosa afirmou: “As Irmãs cumularam-nos de tantas amabilidades que jamais me esquecerei, em toda a minha vida! Agruparam-se em torno de nós, fizeram-nos tanta festa que ficamos comovidas! As Irmãs francesas, já antigas, também longe da Pátria, muito nos animaram. No recreio, Monsenhor Horta fez-nos agradável companhia e impressionou-nos pela sua fisionomia tranquila e cheia de bondade.”

No dia seguinte voltaram para Ouro Preto e a viagem de volta foi cheia de dificuldades. A Irmã Vítima caiu duas vezes do cavalo e na segunda vez, ele, assustado com o apito do trem, arrastou-a pelo chão, deixando-a bastante ferida. A Irmã Rita não conseguiu montar e fez toda a caminhada a pé, acompanhada pela Irmã Catarina.

Já no trem, acomodaram-se como puderam e consolavam-se com a idéia de que logo estariam em Sete Lagoas.

Uma das Irmãs, cujos olhos recusavam-se a abrir-se de tão cansada e tonta, com tudo girando a seu redor, contou que pensava para se consolar: “Felizmente que estamos no fim da viagem e vamos ter um bom almoço!”

Coitada, que decepção a esperava! Desembarcaram às três horas da tarde e a Irmã Evangelista não conseguia andar. Mandou pedir uma condução, mas como mandar um carro, se não havia?



A Irmã Maria de Aquino mandou-lhe, com muita pena, a resposta: “Venha como puder.” A única condução foram os caridosos braços de duas Irmãs.

São três horas da tarde e elas ainda não almoçaram. Em casa não tinha nada. Felizmente, uma das Irmãs trouxe de Portugal um bolo-rei e com ele, que já tinha um mês, é que elas almoçaram e ficaram bem satisfeitas, confirmando o ditado que diz: “O melhor tempero é a fome.”

Agora são dezessete Irmãs naquela casa tão pequenina! Elas podem dispor de dois quartos bem pequenos. As salas de jantar e de visitas são compartilhadas com a família do Padre. Aí é que elas dão algumas aulas particulares. No entanto, as sobrinhas do padre Sanson são muito visitadas porque há uma grande colônia italiana em Sete Lagoas.

As Irmãs conseguiram arranjar uns sacos que elas encheram com palhas, transformando-os em improvisados colchões e à noite, elas os espalhavam pela sala de visitas e pelo corredor. De manhã empilhavam os colchões para que ficassem livres o corredor e a sala de visitas.

Outras foram dormir num barracão coberto de palha e bambu. Uma das Irmãs adoeceu e ficou com uma febre altíssima. Mais preocupações! Seria por estarem tão aglomeradas, num ambiente fechado? Seria a febre amarela? A Irmã Maria de Aquino cercou-a de cuidados e até cedeu-lhe o sofá em que dormia, se bem que bastante desconfortável e arranjou-se como foi possível.

Logo que aquela Irmã melhorou, outra Irmã foi acometida pela mesma febre inquietadora. Quantas angústias para a Superiora por ver as Irmãs passando por tantas privações! A quantidade de Irmãs aumentou muito, passando de três, que eram no início, para dezessete, que são agora. A alimentação, no entanto, continuou na mesma dose, tornando-se por demais escassa e obrigando-as a passarem grandes privações.

Havia dois horários de refeições. As da primeira refeição arranjavam-se mais ou menos. As da segunda, levantavam-se da mesa quase “sem quebrar o jejum.”

A Irmã Maria de Aquino percebia tudo isso e perguntava

desconsolada à Irmã que ajudava no serviço:

- “Irmã, vocês tiveram alguma coisa para comer?”

E ela respondia, dissimulando o sacrifício forçado:

- “Tivemos sim, tivemos!...” Mas se os estômagos falassem, a resposta seria bem diferente!

Há uma explicação bem concreta para toda esta situação.

O Vigário era muito dedicado às Irmãs e não queria que nada lhes faltasse. Encarregou-se ele mesmo das despesas com a alimentação e suas sobrinhas, ainda inexperientes, eram as encarregadas do serviço. Devido a estas circunstâncias, a Irmã Maria de Aquino não reclamava nada. Só mais tarde, quando elas já iam sair de Sete Lagoas, é que ela teve jeito de propor ao padre que ela mesma ficasse responsável pela despesa. Ele aceitou e então duas Irmãs passaram a dirigir a cozinha. Mas até chegar a este ponto, sérias consequências fizeram-se sentir. Era muito triste ver aquela Irmã tão fraquinha, estirada na cadeira, inteiramente sem forças até para andar. A Irmã que ajudava na cozinha, com muita pena dela e querendo fortificá-la um pouco, abriu uma gaveta e tirou de lá uma lasquinha de queijo. Ofereceu-lhe aquela lasquinha e mais tarde comentou: “Que pena que eu tive! Mas não podia tirar mais... não era nosso...”

Outra Irmã, fazendo a Via Sacra, agarrava-se aos bancos da Capela para não cair. E mais outra que guardou um pedacinho de pão para a hora em que a fome se tornasse intolerável, foi impelida pela caridade a oferecer aquela magra fatia de pão para uma companheira sua, mais fraquinha do que ela. As laranjas do quintal várias vezes vieram em socorro delas, mas logo perceberam que as laranjas aumentavam mais ainda a fome. Não tinham necessidade de aperitivo.

Apertava-se o coração da Irmã Maria de Aquino ao ver as Irmãs tão pálidas e abatidas. Ela chegou a distribuir uma colher de fortificante a cada uma delas e em seguida começou a chorar como uma criança...

Uma Religiosa, escrevendo para a sua família em Portugal,



encheu-a de alegria ao comentar que agora ela não era mais enfastiada, mas que tinha um “apetite devorador”. O que a família dela nem podia imaginar é que ela agora tinha muito pouco o que comer.

A Irmã Vítima, todas as noites naquele dormitório improvisado, dirigia uma oração a São Tomás de Vilanova, bem apropriada para aquela situação angustiante que todas elas estavam vivendo. E a alegria reinava entre elas. Discípulas autênticas de um Deus pobre, que não tinha nem onde repousar a cabeça, elas não se queixavam de nada. “Estamos mal acomodadas, mas a gruta de Belém era ainda mais pobre.” E consolavam-se e animavam-se mutuamente.

O Padre Gailhac aconselha com insistência às suas Religiosas a perfeição do espírito de pobreza, proibindo queixas e murmurações e incentivando o alegrar-se no meio da pobreza, “por terem um maior merecimento e ocasião para agradecer a Nosso Senhor Jesus Cristo.” (Antigas Constituições - Regra 56).

Assim elas agiram. E sempre que interrogadas sobre os acontecimentos em Sete Lagoas, elas afirmavam comovidas e com os olhos cheios de lágrimas:

- *“Sofremos, sofremos, mas estávamos sempre contentes.”*

Capítulo 10

A Despedida de Sete Lagoas

*“O mundo misterioso do coração humano
será sempre a herança daqueles
que sabem sacrificar-se.”*

A Irmã Maria de Aquino percebeu que não era da vontade de Deus iniciar uma missão na cidade de Sete Lagoas. Por isto empreendeu várias viagens, pesquisando o lugar ideal para uma fundação. Tendo conhecido a vontade de Deus, ela jamais recuaria, conforme suas próprias palavras: “Deixar-me-ei despedaçar antes que desobedecer, quando sei que a desobediência vai contra a vontade de Deus.”

E todas passaram por momentos muito difíceis até o Padre Sanson resignar-se com a determinação da Irmã Maria de Aquino. Ele não aceitava as exigências das Constituições, que estabelecem que a missão apostólica das Irmãs é na área da educação e queria que elas trabalhassem em Hospitais, insistindo em estabelecer inovações inaceitáveis.



Ele já tinha organizado uma comissão para efetuar a compra da Casa e já tinha escrito ao Vigário de Itapecirica, que recebeu com entusiasmo a proposta de uma fundação em sua terra. Além de Itapecirica e Sete Lagoas, havia também Ubá, Ouro Preto, e Cataguazes, na possibilidade de as Religiosas serem enviadas para os Hospitais de algumas dessas cidades, por determinação do Arcebispo, D. Silvério.

Sem consultar a Irmã Maria de Aquino, que estava viajando, o Padre Sanson ia dirigindo os acontecimentos, na convicção de que no final tudo daria certo. Ele nem compreendia porque as Irmãs opunham-se aos seus projetos e nem porque elas precisavam recorrer à Superiora



Local e esta à Provincial. As Irmãs, já aflitas com o andamento das coisas, tentavam explicar-lhe, mas ele não cedia: - “O Arcebispo recorrerá à Santa Sé, se for preciso, para que as Irmãs se encarreguem dos Hospitais. Sua Excelência manda e isto basta para que partam sem demora.” E o Padre Sanson achava que elas deviam estar bem felizes por estarem sendo tão solicitadas. Ele ficou bastante contrariado quando a Irmã Maria de Aquino escreveu, chamando um primeiro grupo para Vila Isabel, onde ela já tinha alugado uma casa e colocou resistência à partida das Irmãs. Teve que ceder diante da firmeza da Irmã Maria de Aquino que “não voltaria a Sete Lagoas, enquanto não chegassem ao Rio as Religiosas que ela havia designado.”

Houve mais um acontecimento que acentuou a indisposição dos ânimos. O Vigário de Itapeirica aguardava as Religiosas que o Padre Sanson lhe tinha prometido. Já estava tudo pronto para a chegada delas e o povo preparava uma recepção festiva.

“Mas, Padre Sanson, a Irmã Maria de Aquino não vai aceitar esta Fundação, por ser Hospital. Nós somos educadoras.”

“O Arcebispo dirigir-se-á à Santa Sé. Não sabem as Irmãs que o Núncio do Brasil tem todos os poderes para modificar Estatutos e Regras? A Santa Sé governa mais do que as primeiras Superiores.”

Elas estavam aflitas e pesarosas, rezando para que tudo terminasse bem e sem magoar o Padre Sanson a quem elas prezavam muito.

Em outra situação diferente, D. Silvério escrevia ao Vigário de Ubá, em 12 de abril:

“Queridíssimo Monsenhor Paiva:

Chegaram da Europa algumas Religiosas, vítimas da fúria do governo português. Não tendo onde colocá-las atualmente e sabendo de seu empenho por um Colégio para meninas nessa católica cidade, pergunto se as quer aí. Consulte os homens de valor, seus amigos, e em caso afirmativo, mande dinheiro para a viagem delas, porque em Sete Lagoas elas estão à míngua do necessário.

Silvério, Arcebispo de Mariana”



Monsenhor Paiva ficou muito feliz com esta notícia. Satisfeitíssimo por estar como que a ouvir a voz de Deus, através de D. Silvério, no mesmo dia enviou-lhe um telegrama:

- *“Aceito Religiosas, presente Céu. Remeti necessário Sete Lagoas. Segue carta.”*

Quando a Irmã Maria de Aquino chegou do Rio, aguardavam-na três cartas. Uma delas era a do Monsenhor Paiva, que lhe mandava também o dinheiro necessário.

Aproveitou esta ajuda e partiu para Ubá com a Irmã Maria de Assis, chegando lá no dia 13 de maio. E lemos no Diário:

“A Irmã Maria de Aquino voltou encantada com a devoção do povo ubaense à Nossa Senhora, cujas glórias celebram com todo esplendor e entusiasmo. O culto do mês de maio é acompanhado por música e cantos. Um grupo de meninas vestidas de branco faz a Guarda de Honra e cada dia uma delas coroa a Imagem, terminando assim a cerimônia. O povo é muito bom e comparece em grande número às solenidades na Igreja, onde quase nem se consegue entrar, mal se podendo atravessar o adro.” Ela acrescenta ainda: “Várias autoridades foram logo visitar as Religiosas e todas as atenções lhes foram dispensadas.”

Tudo transcorreu com pleno êxito e a inauguração foi marcada para 23 de junho, o que realmente aconteceu.

Imediatamente a Irmã Maria de Aquino escreveu para D. Silvério, a fim de comunicar-lhe que as Religiosas iriam se retirar de Sete Lagoas, por causa da situação em nada favorável e também por não dispor senão de cinco Religiosas para o ensino, número apenas suficiente para as casas que já tinha em vista.

D. Silvério estava em visita pastoral fora de Mariana e a resposta dele quem a trouxe foi o Padre Sanson, que transmitiu a ordem inexorável



do Arcebispo: “A Irmã Maria de Aquino deverá distribuir já - notemos a força do advérbio - as Irmãs por Sete Lagoas, Ubá, Itapecirica e Cataguazes. Em Vila Isabel se pensará depois. Se não fizer assim, ele ficará muito descontente e não aprovará nenhuma resolução que impeça estas instalações, pois os dois, D. Silvério e a Irmã Maria de Aquino, tinham assumido graves compromissos com relação às citadas fundações. Estas deviam pois realizar-se!”

O Padre Sanson estava muito aborrecido devido à Irmã Maria de Aquino não aceitar a distribuição das Irmãs de acordo com a orientação recebida e dizia, num tom severo, que ele não podia compreender uma Religiosa desobediente ao seu Prelado.

Que sofrimento para ela, sempre tão respeitosa para com os Superiores!

Mas Deus iria logo solucionar este problema tão doloroso, pois no primeiro dia de junho, cedinho, conversou com a Comunidade e disse-lhes que não tinha conseguido dormir a noite inteira... “Estava tão preocupada! Pensei tanto! Levantei-me e comuniquei à Irmã Maria de Assis o que eu tinha resolvido.” E logo começou a ver as malas, separando o que iria para Ubá ou Vila Isabel. Disse então que iria fazer outra viagem e que tinha prometido a Deus que, se tudo corresse bem, todas elas se privariam do “Benedicamus” durante um ano inteiro, inclusive no dia de Natal. Todas concordaram generosamente e ela lhes disse ainda:

- *“Se eu me demorar, não fiquem aflitas. Será um bom sinal e isto significará que todas vocês sairão de Sete Lagoas.”*

Depois dessa rápida reunião com a Comunidade, despediu-se e viajou, sem especificar para onde ia e levou com ela a Irmã Santa Face.

Deixou um bilhete para o Padre Sanson, pedindo-lhe que não comprasse a Casa para o Colégio, uma vez que ela já tinha arranjado outros trabalhos.

A Irmã Maria de Assis e a Irmã Sainte Foy ficaram encarregadas de entregar este bilhete ao Padre Sanson e de comunicar ao coral da Igreja que a Irmã Santa Face, organista que estava tocando na novena do Divino, precisou fazer uma viagem imprevista.

À noite, na hora da novena, um contratempo! Ninguém encontrava a chave do órgão! Experimentaram todas as chaves e como nenhuma serviu, tiveram que arrombá-lo! A Irmã Sainte Foy comenta: “Que triste figura fazemos! Jesus, valei-nos!”

O Padre Sanson continuava aborrecido e não escondia o descontentamento do Arcebispo:

- “Não é de se admirar se ele dissolver a Comunidade. Um outro Bispo do Brasil agiu assim com uma Congregação que lhe desobedeceu.”

E ele também estava passando por uma situação muito difícil... Tinha assumido compromisso com homens de responsabilidade a respeito da casa e agora ter que cancelar tudo não era fácil.

As Irmãs foram sendo chamadas em pequenos grupos para Vila Isabel. A Irmã Maria de Assis e a Irmã Sainte Foy tentaram interceder em favor de Sete Lagoas, porque lá elas começaram uma boa Catequese e enxergavam um futuro promissor neste trabalho.

Mas não era esta a vontade de Deus e assim, todas se despediram de Sete Lagoas.

O Padre Sanson chorou amargamente. Sofria o Vigário e sofriam as Irmãs.

Dos dois lados, isto representava o desmoronar de grandes aspirações e de radiosas esperanças, tendo somente Deus como finalidade!

Mas não foi estéril a passagem das Irmãs do Sagrado Coração de Maria por Sete Lagoas, onde elas tiveram uma experiência tão penosa. O sacrifício sempre há de germinar, lá onde a oração lançou raízes profundas: “Semearam com lágrimas... outros iriam colher em hosanas e aleluias...”

O apito do trem que ontem anunciou a chegada, hoje significa a partida... e este intervalo de tempo foi de apenas três meses! Foram três meses plenos, pois eles representaram uma caminhada cheia de



experiência e de amadurecimento, que valeu por muitos anos, contendo em si o início e o fim de uma História, com os episódios mais tristes, mais comoventes e mais emocionantes da vida do Instituto do Sagrado Coração de Maria, no Brasil.



O apito do trem que ontem anunciou a chegada, hoje significa a partida...

Depois de tantos anos, morreu o Padre Sanson e a Irmã Maria de Aquino também já está junto de Deus. No Reino da Paz e da Alegria infinita, os dois compreendem, à luz da Verdade plena, o sentido misterioso dos caminhos de Deus.

O Amém cheio de sacrifícios daqui desta terra preparou o Amém da plenitude para sempre, o Amém da Fidelidade e da Felicidade, na única e verdadeira Pátria, onde todos glorificam os caminhos da bendita e infalível Providência.

“Tudo contribui para o bem dos que amam a Deus.” (Rm. 8, 28).

Capítulo 11

Ubá,

o berço das fundações brasileiras

UBÁ, O BERÇO DAS FUNDAÇÕES BRASILEIRAS

*“A cidade de Ubá é a
cidade do Coração de Maria!”*

Acabaram-se os dias angustiosos de Sete Lagoas. Prevaleceu a bondade firme da Irmã Maria de Aquino, que soube guardar intato o valor preciosíssimo das Constituições. Uma pessoa com menos coragem e menor senso de fidelidade, teria resvalado e o Sagrado Coração de Maria no Brasil não teria passado daquela tentativa frustrada de Sete Lagoas. A Irmã Maria de Aquino, porém, cheia do espírito de Deus, atuou com bondade e com discernimento: “Deus assim o quer!” e continuará intrépida o que ela considerava ser a vontade de Deus.

Vila Isabel, Rio de Janeiro, e Ubá, Minas Gerais, serão a partir de agora os dois pontos de atividades das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, o mar com peixes em abundância que o Senhor lhes mostra, animando-as como a seus apóstolos: “Lancem-se ao largo!” Lançai as redes, no amplo gesto da generosidade e do fervor. A pesca será abundante. E no caso de uma tempestade violenta, levantem os olhos e contemplem a Estrela: “Tudo para Jesus por Maria!”

No Brasil imenso, o Coração de Maria escolheu uma pequena cidade da lendária Minas Gerais para aí abrir o primeiro núcleo de suas filhas que retomariam com renovado ardor a vida apostólica iniciada em Portugal. Qual terá sido o motivo da preferência de Maria por este humilde recanto? Provavelmente foi o ideal claramente esboçado, vislumbrado e amado, com tenacidade!

Alguns séculos antes, um fervoroso guerreiro das conquistas eternas, buscando aquele ouro que os “ladrões não roubam”, pisou aquela terra ainda não trabalhada. A imensa floresta virgem que ele vislumbrou



fez vibrar de emoção o coração do indomável “Caçador de Almas”.

O gemido pungente do vento no matagal cerrado soava aos ouvidos dele como o sofrimento dos corações sedentos da luz do Evangelho.

Atraía-o também a beleza nativa, pois como sabem os santos vislumbrar os sinais de Deus na grandiosidade do Universo! Mas o que o impulsionava, antes de tudo, era o amor pelo ser humano.

E aí está o Padre Manuel de Jesus Maria, incumbindo-se da missão de penetrar aquela região e transformá-la numa abundante e farta colheita para a eternidade.

O terreno bem fertilizado pelo trabalho do infatigável missionário frutificou na proporção de cem por um: a floresta virgem de ontem transformou-se na florescente cidade que soube conservar a fé e os valores de seus antepassados. Sua intensa vida intelectual daquela época fazia dela um dos principais centros culturais da Zona da Mata.

As famílias preocupavam-se em dar a seus filhos uma sólida formação intelectual, bem fundamentada numa orientação pedagógica profundamente cristã.

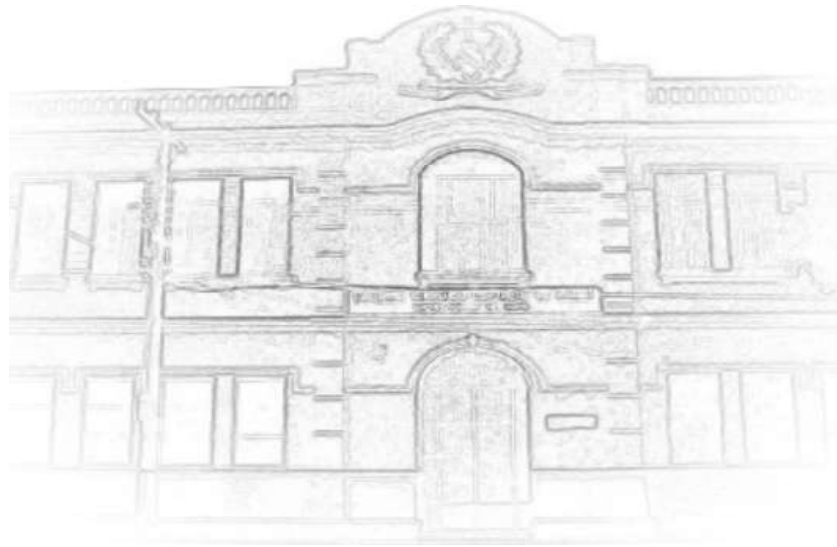
Era urgente um Colégio para a juventude feminina. Duas tentativas anteriores, uma em 1904 e outra em 1905, não tiveram êxito, de modo que agora todos olham com grande expectativa para esta hora da Providência!

A fundação do Colégio Sagrado Coração de Maria em Ubá respondia a anseios profundos das famílias ubaenses que por isto mesmo receberam as Religiosas como verdadeiras enviadas do Céu.

É uma nova etapa que se inicia sob a proteção do Sagrado Coração de Maria.

Naquele dia 22 de junho de 1911 não havia em toda a cidade e seus arredores quem desconhecesse o grandioso acontecimento.

Monsenhor Paiva Campos, vigário da cidade, mandou distribuir milhares de folhetos, convidando toda a população para comparecer à Estação, a fim de homenagear as recém-chegadas e participar da instalação do novo Colégio.



CSCM - Ubá

A convite do Dr. Levindo Coelho, “ no Cinema Mineiro houve uma belíssima Conferência proferida pelo consagrado escritor católico Lúcio dos Santos sobre As Grandes Obras Sociais das Congregações Religiosas, congratulando-se com o povo ubaense pelo presente do Céu que ia receber, com a aquisição de um alto nível de progresso intelectual, moral e espiritual, nas pessoas das Irmãs do Colégio Sagrado Coração de Maria.”

A população compareceu em peso, mais de duas mil pessoas. Uma hora antes da chegada do trem já havia um verdadeiro borborinho rumo à Estação, estando presentes toda a elite da cidade e todas as corporações. A expectativa era enorme!

O trem chegou às 16,30h da tarde e logo desceram na Estação da acolhedora cidade a Irmã Maria de Aquino, Irmã Maria de Assis, Irmã Sainte Foy, Irmã São Leão e Irmã Elisa.

Ecoaram vivas calorosos e a Banda Coração de Jesus executou vibrantes peças musicais.



Os jornais da época, carinhosamente guardados, contam com pormenores, as grandiosas ocorrências.

O entusiasmo era contagiante! “Todos queriam certificar-se de que verdadeiramente Deus tinha se lembrado de seu povo, presenteando-o com jóias de tão grande valor.”

Na Estação as Religiosas foram saudadas pelo Presidente da Câmara Municipal, Dr. Carlos Peixoto de Mello, em belíssimo e comovido discurso de boas-vindas. Mais quatro oradores fizeram-se ouvir, sendo muito aplaudidos pela multidão em festa, enquanto o numeroso cortejo deslizava vagorosamente em direção da Igreja Matriz, lindamente ornamentada e iluminada. No limiar da porta, uma chuva de flores caiu sobre as recém-chegadas, num gracioso e delicado gesto, símbolo das graças do céu. Entoou-se o Te Deum, seguido da bênção do Santíssimo pelo Padre Lourenço Musacchio, auxiliado pelo Padre Eduardo Caputo, vigário de São Geraldo.

O dia seguinte, festa do Sagrado Coração de Jesus, foi propositalmente escolhido por Monsenhor Paiva e Dr. Levindo Coelho para a solene inauguração do Colégio. Dr. Levindo Coelho dizia: “O Coração de Jesus é quem nos traz o Coração de Maria!”

Três Missas, às 7, às 8 e a terceira, solene, às 11 horas pediam as bênçãos de Deus para a nova fundação.

À tarde houve uma procissão com duas mil pessoas, em direção ao local do futuro Colégio. Junto das Irmãs caminhavam o Dr. Carlos Peixoto de Mello, presidente da Câmara Municipal e Dr. Arthur Rodrigues, o paraninfo.

A cerimônia foi presidida por Monsenhor Paiva Campos, fazendo parte da mesa Dr. José Januário Carneiro, Dr. Levindo Coelho e Dr. Arduino Bolivar, que foram sempre grandes e dedicados amigos do Colégio.

Iniciada a sessão inaugural, falou o Paraninfo, Dr. Arthur Rodrigues e pelas várias citações que se seguem, podemos aquilatar o valor de seu discurso:

“Ora, constituímos, de fato, uma nação católica. Já nem



era necessário que eu vo-lo dissesse, Irmãs, que o vistes na espontânea, carinhosa e exuberante acolhida popular com que ontem tivemos a ventura de estrelar e perfumar a vossa auspiciosa entrada nesta pequena terra de Deus. Somos uma nação de católicos, servida pela crença tradicional dos nossos antepassados, os antigos portugueses de fé viva e ardente patriotismo, que, “por mares nunca dantes navegados”, se atiraram à conquista de novos mundos, “as terras viciosas da Africa e da Asia andaram devastando” e “foram dilatando a fé e o império”. Temos no sangue, temperado ao sol dos trópicos, um tanto de energias vitais dos portugueses de lei, cujos feitos ilustraram páginas imortais da história humana e que mostraram, mais alto que ninguém, arrojo na ação, firmeza na fé. Irmãs, viestes a um povo em crise de crescimento - para a vida e para a luta - dono de um patrimônio rico e invejável de glórias de família e, certamente, futuro instrumento nas mãos de Deus para outras ações dignas de memória. Saímos da infância apenas. Cumpre que se nos eduque e prepare o caráter nacional, formando bem o individual de cada um, para que sejamos um dia o povo progressista, útil, forte e moralmente sadio que convém aos nossos destinos. Mas educar o povo é cuidar da educação da menina, futura mãe de família. Fazei da mulher um tipo de perfeição moral. Incuti-lhe no espírito a moderação e a paciência. Ensinai-lhe a submissão e a meiguice sem prejuízo das energias com que o dever se impõe. Fazei-lhe nascer e desenvolver as virtudes femininas que, na mulher, desenvolvem-se com a força do trigo brotado no solo fértil. Modelai-a para o lar, singela, despretensiosa, devota, solícita, equilibrada e justa e tereis assegurado a beleza moral das gerações futuras, a saúde



espiritual dos que nos hão de suceder na arena do mundo. A influência da mulher na educação dos filhos é decisiva e sem contrastes. Sobre os seus frágeis ombros descansa o futuro das raças. Da sua moralidade e espírito nasce a moralidade dos filhos, como o efeito provém necessariamente da causa. A solicitude materna, o exemplo de todo mundo oferecido às almas em flor das crianças no recesso das casas felizes, eis aí os principais fatores da integridade moral, a origem dessas vidas obscuras e santas, votadas inteiramente ao culto das virtudes, à prática do bem, ao exercício das ações desinteressadas. Quem teve mãe carinhosa embalando seu berço, dirigindo os passos vacilantes e acompanhando a infância, sempre ao seu lado, acudindo a tempo com o beijo ou a repreensão, exatos, oportunos e justos - sobretudo justos - há de ser digno de seu Criador, há de honrar o seu tempo, há de ilustrar o seu país.

Viestes, Irmãs do Sagrado Coração de Maria, viestes na hora providencial em que, emancipados do vínculo do poder humano, na expressão feliz de Ruy Barbosa, a consciência, os interesses e os esforços católicos se coligam para imprimirem à direção do povo um cunho nitidamente religioso, sob a influência da moral cristã. Aqui, tereis verificado em breve, acentua-se um movimento verdadeiramente promissor de resultados férteis. Já temos um núcleo destes inúmeros homens de valor da ação social católica, incansáveis na propaganda, despertando pelo exemplo, pela palavra, pelo estímulo carinhoso, a consciência adormecida dos Católicos, que se abandonavam à inércia religiosa. Já temos prósperas associações de Damas do Sagrado Coração de Jesus, praticando as obras de misericórdia com a modéstia do Evangelho. Já temos Conferências florescentes de São Vicente de Paulo, que espalham a mãos cheias, na sombra, num sigilo tão carinhoso como a própria caridade que exercem, esmolas e conselhos, que vão levar aos casebres dos pobres um raio de sol e um sorriso da graça divina. O movimento

cresce dia a dia. Dia por dia o Pescador estende as suas redes mais longe, mais ao largo, no oceano popular cheio de peixes, manso e tranquilo. Eis porque se justifica a frase honrosa como uma condecoração, com que o nosso amado e santo Pastor, D. Silvério, premiou esta população, em uma de suas frutuosas visitas pastorais, conforme ainda ontem, na praça pública e em frente à massa popular, recordava um dos ilustres oradores que vos saudaram: - Ubá é a Sião da Mata! Ama verdadeiramente o nosso prelado, ama a esta terra com entranhas de pai extremoso! O presente que nos fez, vos encaminhando para cá, designando esta cidade para vosso trabalho, não se pode agradecer com palavras humanas: prova a grandeza do seu coração e, ao mesmo tempo, confirma o seu esclarecido tino e a solicitude. Irmãs: dedicadas à tarefa sublime de formar para o bem as futuras mães de família, no modestíssimo Colégio que hoje inauguramos em festa, entre o contentamento geral do povo e onde se hão de ensinar às jovens educandas as disciplinas de um curso inteligentemente organizado e a doutrina cristã, sereis felizes! Aqui, apraz-me repeti-lo, aqui sereis felizes! Vindes dos sobressaltos de uma revolução vitoriosa de que fostes vítimas inocentes. Ainda ecoam nos vossos ouvidos, como as últimas sombras de uma visão de morte, as últimas reminiscências de um horrível pesadelo, as vozes da turba desvairada, sanguinosa e perseguidora, os lampejos e ruídos das armas amotinadas, num selvagem encarniçamento contra a vossa debilidade assustada e contra os vossos pacíficos hábitos destruídos. Tudo isso, porém, - descansai Irmãs! - passou, desapareceu, fundido na treva espessa dos maus momentos! Hoje na terra nova, nova pátria vos abre os braços maternos e vos adota - para sempre!

Em sossego haveis de estar aqui, como entre os vossos, no meio de um povo que vos admira e respeita! E quando, no silêncio da noite, as saudades da pátria, a que não são



insensíveis os espíritos angélicos, vos arrebataram de repente, no intervalo dos vossos piedosos exercícios; quando as recordações de vosso Portugal, as lembranças dos vossos conhecidos, a memória das vossas boas ações e dos vossos costumes nacionais, chegarem, invadirem o vosso coração amargurado; quando a nostalgia vos enevoar e entristecer a alma que só vibra ao toque dos sentimentos delicados, abri as vossas janelas, Irmãs, e olhai o céu da vossa pátria nova! Para os lados do sul, vereis palpitando no azul profundo uma cruz de astros, o Cruzeiro! e essa cruz altíssima, poética e viva, engastada por Deus no firmamento dessa nossa pátria, como para testemunhar o desenvolvimento e a grandeza da expansão cristã entre nós, falar-vos-á ao coração magoado de uma pátria única, onde não se perseguem os inocentes, onde a justiça está com os olhos na verdade e o erro e a hipocrisia mais rebuscados aparecem nus e confundidos diante do olhar de Deus! Falar-vos-á o Cruzeiro do Sul ao vosso coração, consolando-vos e alegrando-vos com palavras de Cristo que vos estão gravadas indelevelmente na alma: “Bem-aventurados sois quando vos injuriarem, vos perseguirem e vos caluniarem por minha causa!”

Vários outros oradores falaram também.

Por último, falou Monsenhor Paiva Campos, que agradeceu “a prontidão e a boa vontade com que todos, sem exceção, responderam ao seu apelo, apresentando ao povo de Ubá e ao desta Zona as Reverendas Irmãs, mimoso presente do Céu.”

Por fim o Presidente da Mesa levantou-se e com ele todos os presentes. Com voz pausada disse:

“Tenho a honra e o prazer de declarar instalado o Colégio Sagrado Coração de Maria, de Ubá.”

Mal terminadas estas palavras seguiram-se estrepitosas palmas, vivas e aclamações.

A Irmã Maria de Aquino então, dirigindo-se ao Dr. José Januário Carneiro, pediu-lhe que agradecesse em nome das Irmãs e em seu próprio nome tantas provas de amizade e de carinho.

D. Silvério também manifestou-se, enviando palavras de júbilo e associando-se à alegria geral.

“Mariana, 4 de julho de 1911

Queridíssimo Monsenhor Paiva:



Ubá excedeu-se a si mesma na recepção das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. Estou contentíssimo com o procedimento dos católicos dessa católica cidade. Agradeço-lhe a comunicação que me fez. Estou certo de que essas Irmãs serão um fator de benefícios espirituais e até temporais não inferiores aos que essa cidade já possui.

As bênçãos do Céu chovam sobre o senhor, sobre todos os dedicados cavalheiros que ajudaram tão insigne obra e sobre todos os que a animaram.

Do seu amigo muito de coração
Silvério, Arcebispo de Mariana”

(Transcrição de um jornal da época: A Verdade.)

A Irmã Maria de Aquino manifestou o seu reconhecimento pelo povo ubaense, enviando palavras que foram publicadas nos jornais:

“As Irmãs do Sagrado Coração de Maria, extremamente gratas por todo o carinho e dedicação com que foram acolhidas, festejadas e visitadas pelas excelentes famílias de Ubá, vêm agradecer, do íntimo da alma, tantas provas de estima e assegurar a sua imensa simpatia e afeto por esta cidade tão merecedora já de toda a sua estima e gratidão.”



Ubá mostrou-se verdadeiramente “a Cidade do Coração de Maria”. “O que o ímpio Afonso Costa tinha demolido, Ubá reedificava na sua piedade espontânea e sincera. Aos gritos de ódio maçônico, opunha as aclamações festivas da sua gente boa, os sons jubilosos dos seus cânticos, o abraço reconfortante da sua amizade. O trono de Maria Santíssima, profanado lá, pelo gesto feroz do ateísmo, o valoroso povo ubaense o soerguia aqui com respeito e carregava-o triunfalmente pelas ruas da cidade, afogando-o nas flores perfumadas de sua piedade sincera e operosa. Uma terra que acolhe assim, com festas e flores, as enviadas de Jesus Cristo, filhas queridas do Coração Imaculado de sua Santa Mãe, recebe do próprio Deus o penhor de suas divinas complacências.”

(Transcrição do Artigo: Um Século de Existência).

Esta recepção tão esplendorosa não condizia com a simplicidade e modéstia das humildes Religiosas, mas o Senhor dispôs dessa maneira, a fim de lhes dilatar o coração nesse primeiro contato com esse povo que as chamava e recebia com as mais vivas manifestações de simpatia: louvor triunfal, cujos ecos prolongam-se até hoje, numa dedicação e bondade jamais desmentidas.

A primeira página estava sendo escrita com letras de ouro...

“Benditas as que vêm em nome do Senhor!”

Capítulo 12

Início Abençoado

*“O querido povo de Ubá
não podia ser melhor para nós.”*

Ir. Sainte Foy

Os primeiros tempos de uma fundação costumam ser muito difíceis. Entretanto, a parte material naquela cidade foi bastante suavizada e parecia que todo mundo se preocupava em ajudar as Irmãs naquilo que era de primeira necessidade. Lembremos alguns desses benefícios, motivos de uma profunda gratidão.

Primeiramente, a casa que ocuparam durante um ano inteiro não trouxe despesa alguma e o aluguel dos anos seguintes foi bastante suavizado pela liberalidade de numerosos amigos.

Um grande pão fresquinho era o presente matinal de uma família e a caridade estendeu-se por todo o primeiro ano. Neste mesmo intervalo de tempo, apresentavam-se no Colégio duas negrinhas carregadas de mantimentos enviados pela D. Maria Luiza.

Receberam também as hóstias para a Capelinha durante um longo período. Sacos de açúcar e de arroz eram muitas vezes enviados pela família Levindo Coelho, além de outras surpresas em nome das crianças, como doces, conservas, azeitonas e, não raro, os bolos quentinhos de D. Tonica.

E como esquecer o carro que veio do Ginásio São José para abastecer a despensa do Colégio? E como não lembrar do bondoso velhinho que deixou na porta da casa a saca de café e nem quis receber os agradecimentos?

Os presentes chegavam às vezes na hora certinha, aumentando a



alegria geral. Num dia de festa - a instalação da Capelinha - na hora em que iam almoçar, chega um bilhete para a Madre Superiora, oferecendo-lhe o insignificante presentinho de uma saca de arroz, outra de feijão e meio-porco, enorme. A notícia foi recebida com aplausos e o meio-defunto foi acompanhado festivamente até a cozinha.

Nas classes havia as carteiras, o mapa-mundi e demais objetos oferecidos por D. Regina Godinho, desculpando-se por não poder dar mais...

Muita gente põe à disposição mobílias e casas, sacrificando-se de boa vontade, a fim de ajudar o Colégio que nascia. Sacrificavam-se a tal ponto que a Irmã Sainte Foy exclama: “Estas pobres famílias querem sempre presentear-nos, talvez privando-se elas mesmas para nos alegrar. Louvemos ao Senhor pelos seus benefícios!”

Irmã Elisa cozinha muito bem, mas à portuguesa. As meninas estranham um pouco e, com certeza, comentam. Então, para evitar inconvenientes, as irmãs Godinho oferecem-se para orientar o serviço, com excelente resultado, pois a Irmã Elisa, a mansa Irmã Elisa, aprendeu...

A casa que hoje é a bela propriedade do Colégio fala da dedicação de incansáveis amigos e de seu empenho em consegui-la da maneira mais favorável às Irmãs. Dr. Cândio Prazeres, Dr. Levindo Coelho e Major Godinho viajavam a fim de passarem as ações. Este último dirigiu o negócio e no fim do ano de 1913 já estava tudo concluído e o Colégio começou a funcionar no seu local definitivo.

Podemos acrescentar a esses nomes, outros igualmente amigos e a quem o Sagrado Coração de Maria muito deve: Dr. Carlos Peixoto, Dr. Arduíno Bolívar, o Inspetor amigo, Dr. Arthur Rodrigues, Dr. Rezende e muitos outros perdidos no anonimato, mas gravados para sempre no livro da Vida. E para todos se realizarão as palavras de Cristo: “Tudo o que fizestes ao menor dos meus, a mim o fizestes.”

O número de alunas, que era pequeno no início, logo aumentou. Vamos ressaltar alguns fatos daquela nova e ainda pequena família do Sagrado Coração de Maria com alguns instantâneos daqueles primeiros tempos. É o início do contato entre Religiosas e alunas, são as primeiras

atividades e, o mais importante, é um novo espírito que se forma e que deve ser o autêntico espírito do “Sagrado Coração de Maria”: - o espírito de família, num ambiente de simplicidade que o trabalho alegre e o cristianismo sobrenaturaliza e embeleza.

Era a vida na sua intensidade. A Irmã Sainte Foy dirigia todas aquelas atividades e, verdadeira educadora que era, soube estimular e desenvolver as inteligências que se expandiam, despertando energias latentes.

Os dias e os meses passam rápidos e chega o mês de maio, com aquela unção profunda e suave de Nossa Senhora. Chegam junho e outubro, sempre novos incentivos à vida interior e a profundas alegrias.

Não há lugar para a monotonia e as festinhas como também os passeios ao ar livre completam a programação.

No final do ano letivo, ótimos resultados! O Coração de Maria abençoava aquele pequeno grupo que procurava ser-lhe tão fiel.

Em setembro de 1913 o Colégio foi equiparado à Escola Normal Modelo de Belo Horizonte. As Irmãs tiveram uma grande alegria como também todos os amigos que, desde o início, tinham se esforçado por conseguir para ele todas as garantias oficiais. E tanto os de perto como os de longe, congratulavam-se com as Irmãs por este acontecimento tão significativo.

No fim deste ano elas mudaram-se definitivamente para o lugar onde o Colégio funciona até hoje, com instalações amplas, arejadas e claras, além do encanto insubstituível das “velhas árvores amigas”.

Quando D. Silvério ia a Ubá, em suas visitas pastorais, honrava o Colégio com uma visita e na primeira vez em que apareceu lá, depois que elas saíram de Sete Lagoas, disse-lhes antes de lhes dar a sua bênção: “Estou muito zangado, muito zangado com vocês...” Mas no seu tom de bondade bem se via a grandeza do coração de um santo.

A Irmã Maria de Aquino seguia com um grande carinho o crescimento deste primeiro fruto de tantos sacrifícios aqui no Brasil e



sempre que podia ia até lá, prestigiando a todas e animando-as com sua bondade e alegria. Logo que ela chegava, a Irmã Maria dos Anjos tocava ao piano o Hino de Portugal, que era festivamente cantado por todas elas.

Até 1920 o Colégio foi dirigido pela Irmã Maria de Assis. Sua humildade e seu espírito sobrenatural ajudaram muito a solidificar os trabalhos e a união daquele primeiro grupo de apóstolas do Sagrado Coração de Maria.



**Ir. Maria de Assis
Gomes da Fonseca**

Capítulo 13

O Pão Vivo

O PÃO VIVO

*“Com Jesus-Eucaristia em casa,
a vida tomava outro sentido.”*

O maior privilégio das Casas Religiosas é, sem dúvida, o de poderem ter Jesus na Eucaristia, em suas comunidades.

Que consolo e que força interior se obtém nessas visitas ao Santíssimo, por menores que sejam, onde o nosso coração se eleva, com espírito de adoração e fé, espírito de amor e de entrega total.

Às vezes é uma simples genuflexão, o tempo não dá para mais. A vida porém é redimensionada, com os acontecimentos tomando uma dimensão correta.

Jesus é Aquele que tudo conhece, tudo pode e que transmite a paz que o mundo desconhece, enchendo o coração de leveza e força interior. Uma boa Religiosa sabe para onde se dirigir nas várias circunstâncias de sua vida: em seus sofrimentos, em suas alegrias, em suas interrogações, em suas derrotas e em suas ressurreições profundamente vividas, no dia-a-dia.

A Irmã Maria de Aquino valorizava tanto a presença de Jesus no Santíssimo Sacramento que perguntou a uma Irmã que chorava pela transferência de casa de outra Irmã: “Mas, minha filha, a Irmã X levou a chave do Sacrário?” É como se ela quisesse consolá-la, perguntando-lhe: “Você não sabe que se encontra tudo junto do Sacrário?”

Que falta faz Jesus Sacramentado numa Comunidade religiosa!

Este sofrimento experimentaram as religiosas em Ubá por mais de um ano e quando finalmente conseguiram inaugurar a sua Capela, foi um grande acontecimento nesta Fundação!



A pequena Capela estava preparada. Meses antes já tinha chegado do Rio o altar, que foi recebido com uma alegria imensa! E já era um consolo para elas, que estavam ansiosas por uma Capelinha, por Missa em casa e por Jesus Sacramentado, enfeitar o altar onde o Sacrário vazio aumentava mais ainda a nostalgia pelo pão vivo.

Mas logo elas iriam realizar o seu sonho, pois no final do mês de maio, celebrado com todo o fervor, seria celebrada a primeira Missa na Capela da Comunidade. Na véspera elas completaram os últimos preparativos. No altar, estreadam as rosas feitas pelas Irmãs Evangelista e Maria do Presépio. Duas pequenas imagens de cada lado do altar, o crucifixo em cima e a cortina de rendas na janela. O ambiente assim preparado com tanto amor já estava pronto! Até os cantos daquele dia inesquecível elas registraram com carinho: “A vós, por vós, ó Virgem!”, “O Salutaris”, “Lembraí-vos que vos pertença”.

“O dia 31 de maio será pois de eterna memória nesta fundação, apesar da ausência de pompas.” Mas não foi ainda nesta data que o Santíssimo permaneceu com elas em sua Capela e tiveram que esperar até o mês de julho.

A Irmã Sainte Foy registrou as emoções daquele dia de bênçãos:

“ 20 de julho de 1913, dia grande e feliz nos anais da nossa pequena fundação de Ubá. O sino para o despertar foi tocado às 5:00 horas, para que todos os exercícios de Regra estivessem feitos a tempo, antes da Missa. Às 6:45 já estavam na Capela as internas, muitas externas e algumas senhoras.

Com profunda emoção começou a Missa acompanhada ao piano. No Ofertório, as internas cantaram com a Irmã Maria dos Anjos o “Oremos pelo Santo Padre”, porque eram as Bodas de Ouro da Ordenação Sacerdotal de Dom Silvério. Na elevação, um lindo canto. Depois, Religiosas, alunas e a pessoas de fora, todos tomamos parte no banquete eucarístico e, para que nada faltasse a esse dia do Céu, houve a Primeira Comunhão de uma criança. Terminada a Missa, vimos com prazer, irem-se colocando velas acesas no altar e o sacerdote levantou a linda custódia, trono do amor infinito de Deus.

Que profunda emoção, depois de quase dois anos de tantas amarguras e sofrimentos nas ondas da revolução, ver Jesus exposto a nossos olhos, nesta mesma custódia que neste mesmo mês de julho o encerrou lá longe, em Vizeu, no dia festivo da inauguração da majestosa Capela, terminada à custa de tantos sacrifícios e hoje fechada pela autoridade maçônica...

As lágrimas escorriam pelas nossas faces, como quando, depois de uma longa e dolorosa ausência, vê-se, enfim, o ente mais querido que a distância reteve longe do nosso lar... Era um desafio da saudade esse pranto até ali reprimido.”

O Santíssimo ficou exposto à adoração e a Bênção do Santíssimo foi às 16:00 horas. Monselhor Paiva estava radiante e dirigiu umas lindas palavras às Religiosas, comentando o evangelho do dia: Jesus e as criancinhas. Ele ressaltou a coincidência do tema e do dia: era um sábado e nesse dia consagrado à sua Mãe é que Jesus vinha habitar entre elas.

Trinta e três anos mais tarde, a menina que tinha feito a Primeira Comunhão naquele dia 20 de julho de 1913, rememorava comovida as lembranças do passado:

- “Faz trinta e três anos que eu fiz a minha Primeira Comunhão. O ambiente era outro, simples, modesto e de grande pobreza. Em uma casa que é hoje residência de nobre família ubaense, estavam as Irmãs. Eram poucas. Eram dez recém-chegadas de Portugal, ainda cheias de temores pela irreligião dos homens que então dirigiam o País em que falam a mesma língua que nós falamos.

O Colégio apenas se iniciava com limitado número de alunas.

Ali realizou-se a Primeira Comunhão, assistida pelas Irmãs.

Fui eu a primeira aluna e a única, no dia, a receber pela primeira vez a Divina Eucaristia. A comungante era pobre e simples, como eram simples e pobres as Irmãs, a sua Capela, o seu Colégio, todo o seu ambiente exterior. Ah! Mas que profunda união religiosa, que fé sem fronteiras, que felicidade sem limites da comungante e das Irmãs que a



cercavam.

Talvez alguma lágrima de alegria tenha subido do coração aos olhos da comungante e de suas mestras.

Vejo-as ainda, embalsamando as minhas saudades: Irmã Maria de Assis, Irmã Saint Foy : virtude, talento, cultura, energia, trabalho. Irmã Maria dos Anjos: perfeita “virtuose”, elevando aos céus hinos de louvor e glória. Irmã São Leão, Irmã Maria do Presépio, Irmã Vítima, Irmã Albina, Irmã Amália, Irmã Belmira, Irmã Elisa.

Algumas já foram receber, no país da Luz sem sombras, das mãos do seu divino Esposo, o prêmio de suas virtudes. Outras voltaram à Pátria sempre amada e saudosa. Outras ainda aqui trabalham na vinha do Senhor e perfumam este Colégio com as suas virtudes e bondade angelical.”

20 de julho de 1913!

A vida tomava outra fisionomia...

“Disseminadas como as folhas de uma árvore que violento tufão sem piedade arrancou de seus galhos e arremessou para longe”, aqueles corações sofridos repousavam, enfim, à sombra de um Tabernáculo...

Que seria de nós sem o Pão Vivo no meio de nós, sem a Vida em Plenitude dando sentido e sustento às nossas caminhadas, sem o Manjar da Vida saciando nossa sede e nossa fome de Verdade, de Justiça e de Amor?

Capítulo 14

*As Incertezas em
Vila Isabel*

AS INCERTEZAS EM VILA ISABEL

*“Faltava-nos tudo,
mas estávamos num paraíso!”*

Há muito tempo que já estamos seguindo a Irmã Maria de Aquino no seu árduo e penoso trabalho para lançar as raízes do Sagrado Coração de Maria no Brasil.

Ela possuía duas prioridades para as quais convergia a sua atenção, quando saiu de Sete Lagoas: as cidades de Ubá e Rio de Janeiro.

Já vimos como foi amiga e cheia de fé a recepção do povo e das autoridades, em Ubá.

No Rio, ao contrário, ia tudo com muita lentidão e dificuldade.

No bairro de Vila Isabel, as Irmãs moraram primeiro numa pequena casa, na rua Francisco Filho e, de acordo com o próprio nome da rua, era mesmo o Pobrezinho de Assis com a sua querida “Irmã Pobreza”. Faltava-lhes tudo e não tinham nem sequer uma aluna.

Depois de um mês, mudaram-se para outra casa, na rua Torres Homem. Lá elas tiveram apenas uma aluna semi-interna, cujo nome é lembrado até hoje: Francisca. E com a Francisca, uma pobreza “franciscana”. Não apareciam os recursos e, para se sustentarem, as Irmãs faziam trabalhos para fora, com tarefa marcada, tendo que terminá-la antes de dormirem.

Essas atividades noturnas eram a garantia de sustento da Comunidade. Faziam grandes serões, no manejo rápido das agulhas, cumprindo o “silêncio rigoroso”.

Além disso, a economia comandava todas as atividades.



Comprava-se “pão dormido”, por ser mais barato e nem se pensava em manteiga. Mas as Irmãs encontravam boa vontade por toda parte... D. Elisa Drumond era dedicadíssima, ajudando-as em tudo que podia e o Sr. Almeida era ótimo para a Irmã Rita, dando-lhe sempre novas sugestões de como apresentar de maneira diferente a mesma farinha de mandioca que tinha para todos os dias.

Já a Irmã Laurentina, com suas hábeis mãos, ia fabricando os móveis da casa: bancos, cadeira, confessionário e até uma escrivaninha para a Irmã Maria de Aquino, tudo feito com as tábuas velhas do quintal.

As camas de vento que usavam à noite eram dobradas durante o dia para não ocuparem lugar e em travesseiros, nem pensar! Uma cama, porém, ficava aberta para funcionar como mesa de trabalho, escrivaninha e qualquer outra finalidade a que se prestasse.

A Irmã Efigênia era a caçula e por isto mesmo tinha o privilégio de dormir no chão, em cima do tapetinho da sala de visitas...

Como elas ainda não tinham uma Capela em casa, saíam todas as manhãs para a Missa. Entretanto, no dia da renovação dos Votos das Irmãs Santa Face, Engrácia e Efigênia elas tiveram a Missa em casa e a sala de visitas foi transformada numa linda Capela. O Padre Nazareth, um jesuíta português, veio celebrar e no Ofertório ele disse à Irmã sacristã: - “ Irmã, não posso continuar, o Cálice está vazando.”

Pode-se imaginar a aflição de todas, sobretudo a da Irmã Maria de Aquino. Jesus não a poupava!

Irmã Efigênia, apesar de estar na Cerimônia de renovação de seus Votos, saiu com a Irmã Laurentina, correndo, para arranjar um Cálice na Igreja mais próxima. Apesar da velocidade das duas, o Padre Nazareth e as outras todas tiveram que esperar bastante, porque a igreja ficava bem distante.

As Irmãs só ficaram dois meses na casa da rua Torres Homem.

A Irmã Maria de Aquino, há muito tempo atrás, havia feito a Deus aquela oferta generosa, no intuito de poder reunir todas as Irmãs novamente para a vida regular de Comunidade: este era o seu grande sonho! E o Senhor parece ter aceitado plenamente o seu sacrifício!

Parece que todos os dias ela estava renovando aquela sua disposição de doar-se plenamente, para que todas pudessem levar a Vida Religiosa à plenitude de sua vivência. Ela, então, continuava sob o peso da cruz e muitas vezes nem conseguia segurar as lágrimas. Depois, pedia perdão à Comunidade “por não ter agido como Superiora”, segundo a opinião dela. No entanto, o que as Irmãs sentiam e experimentavam é que ela era uma ótima Religiosa e uma excelente Superiora.

Queremos reviver, por gratidão e por carinho, mais um episódio da história cheia de fatos comoventes e atribulados da implantação do Sagrado Coração de Maria no Brasil. Ele mostra o espírito de sacrifício da Irmã Maria de Aquino e de todas as Irmãs, profundamente empenhadas em realizar a obra de Deus. Elas submeteram-se a mais um ato de renúncia, obrigadas pelas circunstâncias: O de pedir esmola de porta em porta.

A Irmã Maria de Aquino estava em Ubá e a Irmã Evangelista, nada mais tendo para dar à Comunidade, só encontrou uma alternativa: recorrer à caridade alheia.

Irmã Laurentina e Irmã Efigênia foram as primeiras a estrear o novo emprego. E elas nos deixaram as suas impressões: “Ah! Como nos custou a primeira vez que saímos para pedir! Andamos um bom trecho, sem que nenhuma de nós se decidisse a começar. A coragem passava por longe...” Quando se animaram já era tarde e só conseguiram, naquele dia, dezenove reis, o que já era alguma coisa. Só para se calcular o custo de vida, um bom par de sapatos de pelica custava onze reis.

Os dezenove reis tiveram uma aplicação imediata: compraram, além de outras coisas, uma escrivinha para a Irmã Maria de Aquino. E como ela já estava um pouco estragada, as Irmãs tiveram que melhorar um pouco a sua aparência com um pedaço de lã verde.

Na próxima jornada para pedir esmolas elas foram muito mais bem sucedidas e conseguiram noventa reis. A Irmã Efigênia comentava: “Eu estava tão contente que não sentia fome nem cansaço!” Este comentário era devido ao fato de que as Irmãs saíam cedo e só voltavam



à tardinha, tendo tomado apenas um cafézinho de manhã. E ainda mais: para economizar os tostões que tinham conseguido, fizeram toda a caminhada a pé.

Esses fatos iam repetir-se durante muito tempo ainda e não faltavam as humilhações sobretudo quando tentavam vender rifas. Elas comentavam: “Preferíamos pedir esmolas do que passar as rifas... Sofríamos tanto!”

E também para a Irmã Maria de Aquino chegou a hora de pedir uma esmola à caridade alheia. Ela ficou tão emocionada que transmitiu a sua comoção para o Visconde de Moraes, a quem estava se dirigindo e ele então prometeu-lhe pagar o aluguel da casa durante dois anos, o que cumpriu.

A alegria das Irmãs era muito grande, mesmo no meio de tantas dificuldades e uma delas comentava: “Estávamos sempre contentes e até felizes. Faltava-nos tudo, mas estávamos num Paraíso!”

A bondade da Irmã Maria de Aquino suavizava tudo. Quando, à noite, chegávamos cansadas, mandava-nos logo para a cama. Sua bondade não ficava só em palavras e, apesar da pobreza, nunca nos deitávamos sem ter tomado alguma coisa preparada especialmente para nós, nem que fosse um suco com uns bolinhos...”

Esta é a atitude que a Irmã Maria José Butler, antiga Superiora Geral, ensinava às Religiosas: - “Derramemos doçura e alegria no cálice em que o nosso próximo vai beber.”

A Irmã Maria de Aquino era como um raio de sol que punha vida em tudo, causando bem-estar a todo mundo, com seu sorriso cativante, um gesto carinhoso ou uma palavra oportuna.

Quando as Irmãs se mudaram para a rua Senador Nabuco, elas foram felizes, porque lá teriam enfim uma Capelinha, com o Santíssimo em casa, comunhão diária, Missa duas vezes por semana e Bênção do Santíssimo aos domingos. Foi nessa Capela que as Irmãs Maria dos Anjos e Laurentina fizeram os Votos Perpétuos, no fim do retiro pregado pelo Padre Menezes.

Nesta casa foram necessários ainda muito serões feitos pelas

Irmãs Divino Coração e Celina, confeccionando bordados para fora. As alunas eram umas vinte e, depois de sete meses, as Irmãs mudaram-se para o Boulevard 28 de Setembro, a principal avenida de Vila Isabel.

Irmã Efigênia e Irmã Laurentina foram os braços fortes na mudança. Uma estimulava a outra, desafiando-se mutuamente e assim todos os móveis foram entrando em casa.

Algum tempo depois, as duas ficaram doentes, pelo excesso de cansaço e a Irmã Maria de Aquino tornou-se uma ótima enfermeira para elas.

Aquela Comunidade foi dedicada a São José e tomou um grande impulso, com um bom número de alunas.

Era finalmente o Sagrado Coração de Maria que tomava o seu ritmo dos tempos antigos nas terras lusas e que prenunciava um futuro abençoado.

As Irmãs eram muito respeitadas e queridas, o Colégio recebeu doze internas, quase cem externas e uns trinta meninos no Externato confiado à Irmã Felicidade.

A situação finalmente regularizou-se e a vida tomou um ritmo normal.

Uma tarde em que a Irmã Efigênia estava na portaria, ela ficou repentinamente pálida de surpresa e de alegria, com a visita inesperada do Cardeal Arcoverde, o que causou uma grande alegria também a todas as outras Irmãs. Segundo o comentário de suas companheiras, ela estava “cor de cal” e quando foi comunicar à Irmã Maria de Aquino, esta pensou que “ela estivesse tendo um ataque”.

A visita do Cardeal foi uma alegre surpresa e um grande estímulo para todas elas.

Aí nesta casa do Boulevard aconteceu um fato que, depois de acontecido, foi motivo de muito riso entre elas. A Irmã Purificação é quem o conta com todos os pormenores: - “Agora que começávamos a levantar a cabeça, como se costuma dizer, também se levantavam em nosso



espírito algumas justificadas aspirações. Já pensávamos em ter uma casa grande e bonita. A visita inesperada do Cardeal, tendo aumentado o nosso prestígio, aumentou também as nossas esperanças. Desejávamos um belo edifício que correspondesse ao ideal que tínhamos com relação à nossa missão e nossa esperança de consegui-lo, em vez de diminuir com o tempo, aumentava cada vez mais.

Um dia aconteceu um fato digno de nosso ideal: a Irmã Laurentina, precisando enterrar um gato que morreu em nosso quintal, começou a cavar um buraco quando de repente percebeu que a enxada saía da terra reluzente de ouro. Ela mal podia acreditar em tamanha felicidade e por isso, correu para chamar-nos, ofegante, com as pupilas dilatadas pela surpresa e pela alegria. Fomos e contemplamos silenciosas e comovidas, a riqueza que jazia ali a nossos pés. Solenemente, chamamos a Irmã Maria de Aquino, que nos acompanhou.

A alegria era grande demais para que pudéssemos pronunciar alguma palavra. Ali junto daquele tesouro, interrogamo-nos com o olhar. Ninguém ainda tinha pronunciado o nome dele, mas já era tempo e eu gritei cheia de emoção: - “É ouro!” - “Ouro, Ouro!” diziam várias. Arrancamos então alguns torrões e os levamos para dentro de casa, a fim de mostrá-los a quem não tinha ido ver. Para tirar alguma dúvida que ainda existisse em algum espírito incrédulo, separei um pouco daquele pó dourado da terra que o envolvia, coloquei-o na água, mergulhei os dedos naquela fonte de ouro e, triunfante e senhora do meu papel, passava-os pelas paredes, pelas costas das cadeiras e pelas capas dos livros. Por todos esses lugares ficava, bem nítida, uma barra de um amarelo brilhante. - “É ouro”, exclamaram todas!

A vitória da Irmã Laurentina se impunha. Eu fui logo à Capela para agradecer aquele tesouro magnífico e para buscar uma boa proposta de como empregá-lo para em seguida sugeri-la à minha Superiora. Ajoelhei-me, fechei os olhos e veio-me ao pensamento: o produto da primeira extração será para um cibório riquíssimo, no nosso Sacrário. O segundo para um diadema da Santíssima Virgem. E depois mandaríamos outro para o Papa e para a Casa-Mãe. Depois construiríamos um Colégio magnífico, com terraços espaçosos, grandes

jardins e lindas estátuas. Já estava traçado o meu plano.

Todas as tardes, íamos visitar a jazida de ouro e recomeçavam os comentários:

- “Graças a Deus, dizia uma, agora já posso ter um Hábito novo.”
A Irmã Evangelista comentou:

- *“É preciso por mãos à obra. Como faremos a exploração num quintal tão aberto?”*

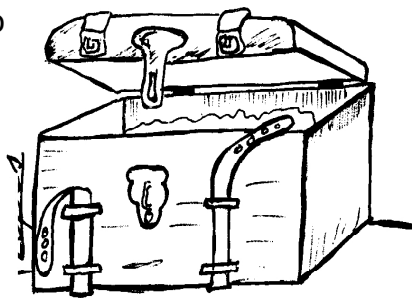
- *“Colocam-se aqui uns toldos como que para nos protegerem do sol”, sugeriu a Irmã Maria de Aquino.*

- *“Muito bem! Muito bem!” reagiram todas.*

- *“Mas estou vendo, continuou com um ar preocupado a Irmã Maria de Aquino, que tudo isto vem trazer consequências desastrosas para o espírito religioso...”*

- *“Que nada, é tudo para a glória de Deus! Deixe-nos construir um grande Colégio e um Orfanato, e verá depois como tudo correrá às mil maravilhas!” E começamos então a arrancar os torrões dourados e a transportá-los em cestas para o quarto da Irmã Evangelista, mais rico a nossos olhos do que o próprio Peru a Pizarro e a Cortez.*

Eu queria encontrar um meio de separar o pó de ouro da terra que o envolvia, com segurança e rapidez. Lembrei-me então de que eu tinha lido alguma coisa a este respeito, no livro Exercícios de Perfeição, de Afonso Rodrigues. Procurei imediatamente o livro e folheei-o página por página, até encontrar o que me interessava. E lá estava a indicação: - “Quando se quer separar o ouro da terra que o envolve, ferve-se o todo em água e solimão. O ouro vem à tona da água.”



“Eureka!” gritei, radiante de alegria!

Fiz a experiência e consegui encher uma caixinha com o ouro que extraí.

A minha alegria era tão grande como se já tivesse diante de mim o Colégio mais lindo do mundo, com uma Capela suntuosa. E quando eu mostrei para a Irmã Maria de Aquino o fruto do meu trabalho, ela não conseguiu ocultar um sorriso de satisfação.

Era necessário nós ativarmos a realização dos nossos projetos.

Pensamos em ir a um ourives, o que traria alguns inconvenientes, quando soubemos que tinha chegado ao Colégio dos Jesuítas o Padre Tavares, um grande naturalista nosso conhecido.

A Irmã Maria de Aquino enviou-lhe um cartão, cumprimentando-o e pedindo-lhe que viesse ao nosso Colégio para atender algumas Irmãs em confissão. Dois dias depois ele veio. Fomos cumprimentá-lo e logo a conversa foi para o assunto que nos preocupava. Ele ouviu-nos com toda a atenção e pediu-nos que lhe mostrássemos um pouco do rico minério. Saí e voltei logo, calma, senhora da situação e abafando no coração verdadeiros ímpetos de alegria. Abri a caixinha cheia de ouro puríssimo, apresentando-a ao Padre Tavares, que tirou uma pitadinha, tomou-lhe o peso na extremidade do índice, olhou-me com uma expressão um tanto maliciosa e disse, num tom visivelmente arrastado: “Irmã, isto não tem valor: é simplesmente Mica!”

Um raio que caísse aos meus pés não teria um efeito mais arrasador sobre mim. Ouvi à minha volta uma gargalhada geral, que me esfarrapou a alma.

No entanto, fiquei serena, diante daquele desmoronar de castelos tão bem arquitetados...”

E foi assim que terminou a verdadeira história de uma mina de ouro que celebrizou a casa do Boulevard, onde as Irmãs ficaram durante dois anos.

De lá, o próximo passo foi para o Leme.

Capítulo 15

Do Leme para Copacabana

DO LEME PARA COPACABANA

*“Cresceu o riozinho obscuro de Vila Isabel
e hoje é a catadupa que se expande em bônçãos:
O Santuário do Coração de Maria.”*

O bairro de Vila Isabel não era bom para internato porque era quente demais. Em janeiro de 1913, a Irmã Maria de Aquino alugou uma casa pequena e bonita no Leme, indo para lá com um grupo de Irmãs. Um outro grupo permaneceu em Vila Isabel, com a direção da Irmã Maria do Presépio. Todas as semanas ela ia à Comunidade de Vila Isabel, para dirigir alguns atos religiosos prescritos para a vida em comum e que não dispensavam a sua presença, o que bem demonstrava seu apreço pela observância das Constituições. E assim foi até fechar-se definitivamente aquela casa.

O Colégio do Leme organizava-se, com um futuro promissor. As Irmãs estiveram seis meses na rua Goulart e dois anos e meio numa casa na rua Gustavo Sampaio, em frente ao mar, com uma vista maravilhosa.

Logo a casa encheu-se de alunas internas e para cederem o espaço para elas, as Irmãs tinham seu dormitório e refeitório em dois barracões cobertos de zinco, que foram construídos para isto. Como eles eram muito mal fechados, chovia em cima das camas delas. Elas, por sua vez, já peritas em enfrentar problemas, souberam ultrapassar mais este. Irmã Quitéria e Irmã Laurentina abrem seus guarda-chuvas em cima de suas camas e continuam a dormir tranquilamente.

Nesta casa elas sempre tiveram muito medo de ladrões. Qualquer barulho diferente que alguma delas ouvisse, já se organizava o batalhão para a defesa. A Irmã Maria de Aquino às vezes também participava e a Irmã Crucifixo sempre ia com uma vela acesa. Algumas pegavam



vassouras e partiam para a revista da casa.

Certa noite o medo chegou ao máximo. Todas escutaram e o barulho era realmente muito estranho. No vão da escada, que servia de armário, ouviu-se, muito definidamente, um ruído forte.

Seria só um ladrão ou seria um bando deles? Chamaram um empregado que, por sua vez, chamou um colega.

Chegando no vão da escada, enquanto um fazia pontaria com um revólver, o outro empunhava uma foice. As Irmãs e as alunas internas seguiam aquilo tudo com os olhos arregalados de medo. Todas mal respiravam!

Os empregados deram um tempo e como os ladrões não saíam, entraram lá, com toda a prudência... E o que viram eles?... Uma garrafa de azeite caída no chão! O barulho daquela garrafa, quando caiu, é que pregou aquele susto enorme em todas elas!

E ainda mais: o vizinho, percebendo o rebuliço no Colégio, telefonou para a polícia, pedindo urgentes providências. Quando tudo já estava calmo e tranquilo, com todas de volta às suas camas, ouviu-se o barulho das sirenes dos carros da polícia que estavam chegando para socorrê-las. Ao abrirem as janelas, as Irmãs assustaram-se, vendo tantos policiais, pulando para dentro do Colégio. Eles se identificaram:

- *“Somos guardas-civis, mandados em socorro da casa assaltada por ladrões.” Elas agradeceram e os despediram, voltando todas outra vez para retomarem o sono já tão interrompido!*

Durante muito tempo esse episódio foi lembrado e tornou-se o assunto predileto dos recreios.

A Comunidade nesta época já tinha um capelão, o Padre Calanchi, S. J. , que celebrava todos os dias no Colégio.

As alunas estavam bem preparadas e a Irmã Maria de Aquino, no fim do ano, convidou três professores de fora para examiná-las. O resultado foi excelente para o renome do Colégio, já muito procurado naquela ocasião pelas famílias de Copacabana, Leme e Ipanema.

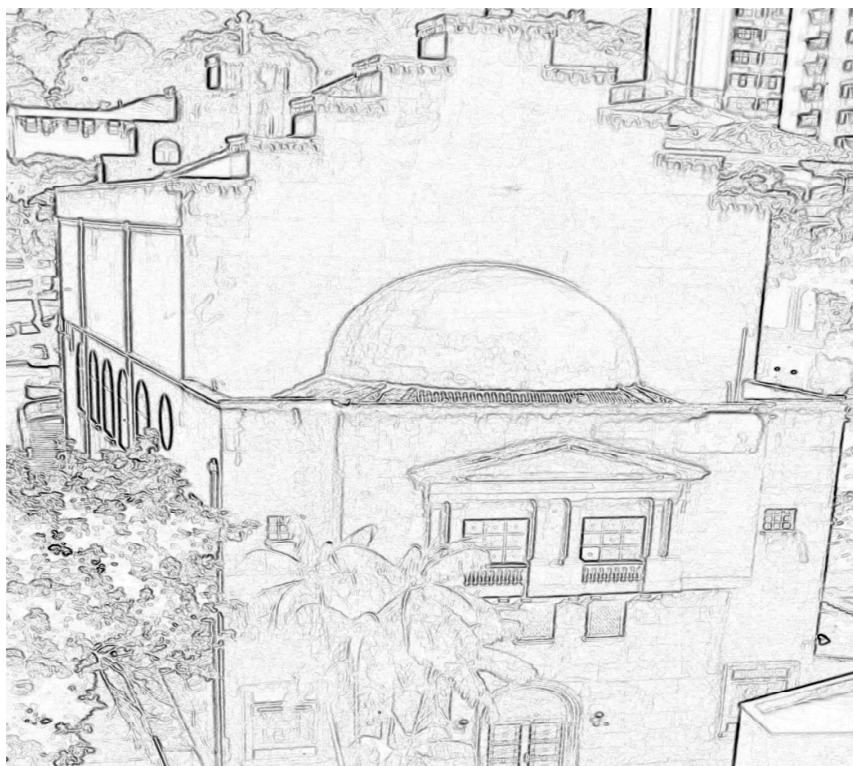
Este ano escolar encerrou-se com uma exposição de trabalhos e pinturas realizados pelas alunas no transcorrer de todo o ano letivo.

Neste ritmo dinâmico de trabalhos e atividades variadas, o Colégio Sagrado Coração de Maria vai deixar o Leme e expandir-se definitivamente em Copacabana.

A Irmã Maria de Aquino afirmava:

- *“Se formos humildes e reconhecemos o nosso nada, o Senhor virá em nossa ajuda e nossas Comunidades se desenvolverão.” Ela é humilde e daí, todos os seus empreendimentos prosperam!*

Ela continua as suas considerações: “Chegando ao Brasil, não sei o que fiz. Nosso Senhor me fechou os olhos e me fez andar para a frente... No fim, fazia não o que tinha pensado, mas o que Deus queria.”



CSCM - Rio de Janeiro

E assim aconteceu com o Colégio de Copacabana. Foi Deus que o trouxe e lhe deu o lugar privilegiado que ocupa hoje.



As torrentes impetuosas muitas vezes têm como partida um ignorado filete de água. Ninguém suspeita da sua existência, ninguém ouve o seu marulhar por entre as pedras, no coração da terra, com o seu trabalho de crescimento e vida. De repente, o filetezinho de água revela-se e surge a possante queda d'água que se espalha em bênçãos: Assim surgiu em Copacabana o Sagrado Coração de Maria!

Em 1916, o Hotel Oceânico, grande propriedade da rua Tonelero 56 passou a chamar-se Colégio Sacré-Coeur de Marie e posteriormente Sagrado Coração de Maria.

Não se poderia desejar um lugar mais agradável: o fundo perenemente verde de uma colina com um denso arvoredo e à frente a imensidão do mar.

Copacabana já era naquela ocasião um bairro de futuro. Cresceu desassombadamente. O grande matagal desapareceu quase que por completo e em seu lugar abriram-se ruas e avenidas. Ergueram-se magníficos arranha-céus, verdadeira selva de pedras. É hoje um dos bairros mais desenvolvidos da cidade, servido por todos os requintes do luxo e do conforto.

E o Sacré-Coeur de Marie acompanhou-lhe o progresso.

Aos poucos o Hotel Oceânico foi dando lugar a um Colégio modernamente equipado, pois desde a sua fundação até os nossos dias, não houve interrupção na série de reformas e melhoramentos que tornam o Sagrado Coração de Maria um dos melhores colégios do Rio.

Logo que estabelecidas definitivamente em Copacabana, as Religiosas entregaram-se de corpo e alma à missão pela qual tanto já tinham sofrido anteriormente.

As virtudes da Irmã Maria de Aquino, sobretudo a sua humildade e entrega total nas mãos de Deus, atraíam as bênçãos do Céu e o Colégio progredia a olhos vistos, com os Cursos Primário e Secundário, e de Aperfeiçoamento nas Línguas e Belas-Artes.

O êxito conseguido pelas alunas que se apresentavam para os exames no Colégio Pedro II mais aumentava o prestígio do Colégio.

O Cardeal Arcoverde, em visita informal ao Colégio, trouxe com

sua bênção o aplauso sincero pela dedicação e magnífico trabalho executado pelas Irmãs.

Foi de grande ajuda para todas elas a assistência espiritual dos padres jesuítas, sobretudo a dos Padres Calanchi e Ceccaroni, que foram os dois primeiros Capelães da Comunidade. A fundação do Rio teve desde o início um fator importantíssimo para as Religiosas: o Santíssimo em casa. Na Capela da Comunidade do Rio encontra-se ainda aquela mesma lâmpada do Santíssimo comprada em Vila Isabel, graças às esmolas que as Irmãs conseguiram, de porta em porta.

Se aquela lâmpada pudesse falar!... Quanta coisa ela nos revelaria sobre a Irmã Maria de Aquino... Sua oferta feita em Lourdes :

- *“Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas”... e todas as decorrências deste seu oferecimento, através das subidas e descidas de sua longa caminhada no Brasil.*

Um grande benemérito desses primeiros tempos no Rio foi Monsenhor Joaquim Soares de Oliveira Alvim. Graças a ele, foi construído o prédio do Orfanato Menino Jesus para crianças e adolescentes órfãs, ou abandonadas, ou de famílias com dificuldades financeiras. Ele foi não só um generoso benfeitor como também soube dar um inestimável apoio moral.

Em 1920 a Irmã Maria de Aquino foi para Ubá e a Irmã Inês de Jesus veio substituí-la na direção da Casa do Rio.

Irmã Maria de Aquino e Irmã Inês de Jesus, duas Religiosas impulsionadas pelo mesmo ideal de perfeição e de zelo apostólico, que encontraremos a partir de agora, cada vez mais unidas na missão de levar para a glória de Deus e devoção ao Coração de Maria esta porção que lhes coube: a Província Brasileira do Instituto do Sagrado Coração de Maria! - “Um só coração e uma só alma!”



Capítulo 16

Um Espinho Doloroso

UM ESPINHO DOLOROSO

*“A cruz é a única arma poderosa
que sempre trará vitórias!”*

Na fundação da Casa de Ubá a maior provação para a Comunidade foi a dificuldade de assistência espiritual. E a Irmã Maria de Aquino, como sempre, vai enfrentar uma longa caminhada de sofrimentos antes de conseguir solucionar adequadamente este problema.

Durante mais de um ano as Irmãs tiveram que sair todos os dias para a Missa na Igreja Matriz, cujo horário, 9:00 horas durante a semana e 11:00 horas aos domingos, dificultava muito a recepção da Comunhão, que prescrevia um jejum obrigatório desde a meia noite. As alunas também não aguentavam e várias vezes ficavam sem Missa, inclusive aos domingos, quando o vigário viajava.

Mesmo depois da inauguração da Capela, continuaram as irregularidades nos horários das Missas, o que trazia desordem e descontentamento.

Monsenhor Paiva, que acompanhava o Colégio desde a fundação com grande dedicação, não cedia o seu posto a nenhum outro sacerdote, mesmo compreendendo que as suas contínuas ausências prejudicavam muito as Religiosas e as alunas. Ele ficava sentidíssimo e sofria muito, quando percebia qualquer tentativa de se criar a Capelania com um Capelão designado para a Comunidade e o Colégio.

O Diário da Comunidade tem um comentário relativo a essa época: “Pobre Casa de Ubá fundada com grandes festas no exterior e grandes amarguras no interior! Mas a cruz fecunda...”



E a Irmã Maria de Aquino encontra-se novamente numa situação extremamente embaraçosa. Se as dificuldades materiais pelas quais as Religiosas passavam, faziam-na sofrer, que pensar então da penúria de assistência espiritual?

Rezou profundamente, procurou aconselhar-se e depois agiu com energia e suavidade.

Ela sofreu muito por ver o quanto estava sofrendo o dedicado Monsenhor Paiva, mas ficou firme e foi em frente, porque acima de tudo estavam Deus e as necessidades espirituais da sua Comunidade e do Colégio.

Em fins de novembro de 1920, chegou um Sacerdote para combinar com ela vários pontos a cerca da organização da Capelania e com isto a situação agravou-se. É melhor silenciar alguns fatos, respeitando os desígnios de Deus que permite determinados sofrimentos. Quem conheceu a delicadeza de coração da Irmã Maria de Aquino pode avaliar a intensidade de sua agonia!

Lemos num jornal daquela época que comentou este assunto: - “Jesus Cristo calou-se diante das maiores injúrias e calúnias, mas não se calou diante do ingrato: “Amigo a que vieste?”

Ingrata a Irmã Maria de Aquino? - Não, ela nunca foi ingrata e, ao contrário, foi sempre sensibilíssima à menor prova de afeto e a qualquer benefício, por menor que fosse.

Incompreendida e mal interpretada, sendo até acusada diante de suas Superiores Maiores, ela tudo aceitou com humildade e não recuou, por tratar-se de um dever de consciência.

No final do ano de 1921 a situação enfim normalizou-se. No início de 1923 a Superiora Geral, Irmã Sainte Constance, chamou-a à Casa-Mãe e apoiou-a plenamente, incentivando-a a que se firmasse, cada vez mais, na sua vida de dedicação e fidelidade.

Quando ela voltou de Béziers em junho, todas as Irmãs esperavam-na com carinho, preparando a celebração de suas Bodas de Prata de profissão religiosa. Sobretudo em Ubá, onde ela era Superiora, as Religiosas, alunas, e todos os amigos uniram-se numa justa e merecida

demonstração de carinho à Fundadora dos Colégios Sagrado Coração de Maria, no Brasil.

A partir do ano de 1925 ela só voltou a Ubá em rápidas visitas, como Vigária.

Aquela tempestade acalmou-se e finalmente extinguiu-se. Dela permaneceu para sempre a experiência fecunda do sofrimento e da oração. Foi muito longa a estrada, mas proveitosa e fértil! A serenidade do seu rosto, a profundidade do seu olhar refletiam o contato profundo com o sobrenatural.

A Irmã Maria de Aquino foi uma nova Teresa de Jesus nos sofrimentos e no amor. Pelo amor ela conseguiu transformar tudo! E quanto mais profundo era o sofrimento, com mais harmonia ela repetia o seu cântico de ação de graças: “Bendito seja Nosso Senhor por tudo!”

A paz no sofrimento é fruto da humildade e a alegria no sofrimento é fruto do amor!

Paz e alegria no sofrimento! Profunda experiência para essas verdadeiras águias do Infinito, cujo olhar consegue levantar-se acima das realidades terrestres e fixar-se na luz do sobrenatural!

Quando Monsenhor Paiva estava em sua última enfermidade, a Irmã Maria de Aquino enviou-lhe uma carta em que, como primeira autoridade do “Sacré-Coeur de Marie” no Brasil, pedia-lhe perdão por qualquer mágoa que lhe tivesse causado, assegurando-lhe também uma eterna gratidão.

Monsenhor Paiva ficou comovidíssimo e pediu que transmitissem à Irmã Maria de Aquino seu sincero agradecimento e sua profunda emoção por aquelas palavras tão reconfortantes.

Terminando este capítulo podemos repetir a mesma idéia do final do capítulo sobre os acontecimentos também dolorosos de Sete Lagoas: morreu o dedicado Monsenhor Paiva e a Irmã Maria de Aquino também já está junto de Deus. Agora, na luz da eterna Verdade, eles bendizem a Deus por Seus misteriosos desígnios e pelos caminhos infalíveis de sua amável Providência!



Capítulo 17

Os Últimos Trabalhos

da Irmã Maria de Aquino

OS ÚLTIMOS TRABALHOS DA IRMÃ MARIA DE AQUINO

*“Toda a sua vida foi uma melodia serena
de quem soube dizer SIM
a qualquer manifestação da vontade de Deus.”*

No final do ano de 1925 a Irmã Maria de Aquino voltou para o Rio, como Superiora e como Provincial. Foi criada neste ano a Província Brasileira, tendo o seu centro administrativo no Rio e ela exerceu ali o provincialato até o ano de 1932.

Em 1925 foi comprada a propriedade de Copacabana e logo foram iniciadas várias reformas para o melhoramento do Colégio que lhe tinha custado tantos sacrifícios. Agora que ele já se encontrava em fase de expansão e com garantias oficiais, atraiu um grande número de alunas.

Em agosto de 1926 foi eleita Superiora Geral a Irmã Maria José Butler, o que causou grande alegria às Irmãs portuguesas que estavam no Brasil e que a tinham tido como Superiora em Portugal. Elas esperavam uma visita sua, como Geral, mas impossibilitada de vir ao Brasil, enviou como Delegada sua, a Irmã Maria Batista Holohan, que chegou ao Rio em 1927, causando uma grande alegria e um revigoramento de forças espirituais em todas as Irmãs.

Ela quis também conhecer o Colégio de Belo Horizonte, levando uma bênção a esta nova fundação. Ela ofereceu para a Capela o baldaquino e a linda imagem do Sagrado Coração de Maria que até hoje é venerada naquele local.

Este Colégio na Cidade das Rosas foi a última fundação da Irmã Maria de Aquino, em 1928. Ele funcionou primeiramente na rua Timbiras, sob a direção da Irmã Inês de Jesus Soares Teixeira. Com a aquisição de uma extensa propriedade e a construção de um lindo Colégio na Serra, as Irmãs mudaram-se para lá, em julho de 1928.





1º CSCM em Belo Horizonte

As Religiosas das Comunidades do Rio e de Belo Horizonte tiveram, em dezembro de 1932, uma surpresa que pode ter entristecido a algumas delas.

Estava terminando o tempo de a Irmã Maria de Aquino ser Provincial e a Irmã Inês de Jesus ia substituí-la. As duas nada comentaram sobre a maneira de fazerem a troca entre elas.

Depois do Natal, a Irmã Inês despede-se da Comunidade de Belo Horizonte para ir ao Rio e as Irmãs, habituadas com essas frequentes viagens, nem suspeitaram que esta despedida significava uma mudança de casa. Despediram-se pois com um “até breve!”

No Rio, as duas Superiores conservaram-se igualmente discretas e a Irmã Maria de Aquino agora é quem sai de casa, dizendo apenas:

- *“Vou acompanhar a Irmã Inês, e a Irmã Efigênia vai comigo.”*

As Irmãs ainda estavam na Capela, de manhã cedo, quando a Irmã Inês voltou da ferroviária, porque afinal, quem viajou foi a Irmã Maria de Aquino e quem permaneceu no Rio, como atual Provincial, foi a Irmã Inês.

As Irmãs ficaram surpreendidas por elas mesmas não terem

desconfiado de nada... A Irmã Maria de Aquino deixou uma carta de despedida, que foi lida com muitas lágrimas. Quanto lhes custou aquela separação!

Enquanto isto, a Irmã Maria de Aquino em plena viagem, dizia para a Irmã Efigênia:

- *“Coitadas das minhas Irmãzinhas! Enganei a todas elas! Desculpem o meu mau exemplo!...”*

A Irmã Efigênia chorava. Primeiramente de susto pela sua transferência repentina, porque só na Estação é que ela soube que estava mudando de Comunidade. Além disso ela também chorava por ir para Belo Horizonte porque, no início de uma fundação, ainda deveria ter por lá muitas privações que prejudicariam a saúde já tão debilitada da Irmã Maria de Aquino. Ela dizia:

- *“Vamos ao menos para Ubá! Lá não sofreremos tanto!” E a Irmã Maria de Aquino respondia:*

- *“Vamos é para onde o Senhor nos chama, não é, Irmã?...” Irmã Efigênia insistia:*

- *“É, mas a minha Madre já está tão doentinha que vai é morrer!...”*

- *“E não existirá lá um cemitério para me enterrar?”*

Belo Horizonte foi de fato o último lugar em que a Irmã Maria de Aquino viveu e trabalhou.

Aí ela encontrou o que a esperava em todos os lugares: privações e dificuldades.

Só cinco anos lhe restam de vida, só cinco degraus para atingir o cume da sua estatura espiritual. Junto dela sente-se tão forte a atuação do sobrenatural que todas pressentiam: “não a teremos mais por muito tempo conosco.”

O que mais impressionava nela era a sua serenidade. A sua entrega habitual à vontade de Deus era um constante amém que se irradiava em ondas de paz por todo o ambiente.



Como a suave luz do ocaso se enfraquece com suavidade, assim também esta vida que nos é tão querida vai mergulhando em Deus, tranquilamente.

A Irmã Maria de Aquino liga-se profundamente à segunda fase do Colégio de Belo Horizonte, época em que ele desabrocha para um novo e promissor desenvolvimento.

Ela lhe deu todo o seu zelo e toda a sua dedicação, colocando nele a unção de sua presença discreta e atuante.

Apesar de doente, nunca se poupou.

Em 1936 houve em Belo Horizonte um Congresso Eucarístico e ele, junto com as atividades normais do Colégio, muito exigiu em matéria de dedicação e boa vontade.

A Irmã Maria de Aquino nada poupou para o brilho desse acontecimento religioso, procurando ressaltar o valor do mistério de Jesus na Eucaristia.

Ela foi ao Rio para pedir emprestado, sob sua responsabilidade, os paramentos para todos os Bispos presentes ao Congresso. Tudo ainda era pouco para ressaltar o Nome do Senhor. O triunfo de Jesus na Eucaristia era também o seu triunfo!

Percebia-se a sua íntima satisfação pelo entusiasmo com que ela se empenhava, a fim de que o Colégio sobressaísse nas manifestações a Jesus Eucarístico e o Sacré-Coeur de Marie recebeu o título de benfeitor do Congresso.

Seu coração sensível e já tão perto de Deus viveu intensamente esses dias de banquetes celestiais.

E a procissão do triunfo eucarístico? Quem participou dela, jamais a poderá esquecer! A última frase de Dom Leme, o Cardeal da Eucaristia, resume tudo:

- *“Mais bonito do que isso, só no Céu!”*

Só no Céu! E um ano depois, a nossa querida Irmã Maria de Aquino deixará este mundo para contemplar eternamente a Jesus, extasiando-se com o brilho de sua glória infinita no Céu!

Capítulo 18

A Cópia e o Original

A CÓPIA E O ORIGINAL

*“Tudo será nada se ao contato
das tuas mãos de Artista, um dia,
o bloco de granito que encontraste -
duro, pesado e frio -
apresentar as feições que lembrem o teu rosto divino...”*

Frei José

Já se faz tarde nesta vida e o suave crepúsculo acontece, no apagar-se de uma bela existência. Neste coração fiel o Espírito de Deus trabalhou livremente, numa obra visível onde Deus manifestou-se através de sua criatura.



Quem pode esconder a luz?

Quem consegue abafar a melodia divina que se desprende de uma vida, toda ela, um hino de amor a Deus?

Quem não sente o perfume do incenso, quando ele fumeja no braseiro do amor?

Contemplemos pois a suavidade dessa luz prestes a extinguir-se, aqueçamos nossos corações no suave calor dessa alma bem-aventurada. Admiremos com unção a Cópia e o

Original, para revitalizarmos nossas energias espirituais.

O Fundador traçou com traços firmes e bem definidos um retrato ideal da Religiosa do Sagrado Coração de Maria, que deve espelhar Jesus Cristo, ressaltando os traços de sua vida, toda ela:



*interior e sobrenatural,
humilde e obediente,
dedicada, paciente e constante,
até o último suspiro.*

É fácil ver aqui a Irmã Maria de Aquino, que percebia Deus em tudo e fazia tudo em Deus.

Este mesmo espírito de fé que tinha lançado raízes tão profundas em seu coração, ela queria vê-lo igualmente nas Irmãs e afirmava ser ele “tão necessário à vida interior quanto o calor à vida corporal.”

Em suas Conferências às Comunidades, o espírito de fé era um dos seus temas preferidos.

Interior e sobrenatural, profundamente unida a Deus, irradiava-o em seu ambiente.

Um sacerdote, em visita ao Colégio, cumprimentando a Comunidade, comentou:

- *“Ao entrar nesta Casa, sente-se que há nela o espírito de Deus.”*

Discreta e silenciosa, sentia-se o silêncio criador de Deus junto da Irmã Maria de Aquino. Que impressão profunda e eficaz causa a harmonia do silêncio!

Ela foi também como Jesus, humilde e obediente. Sua humildade vinha da contínua meditação de Jesus Crucificado e desde criança aprendeu a ler no Crucifixo. Certa ocasião, tendo sido levada ao teatro, comentou na volta que nada tinha visto do que se passara lá, porque ficou todo o tempo contemplando a paixão e morte de Jesus.

Mais tarde, como religiosa, aprofundou mais ainda esses mistérios de amor e de dor, repetindo fervorosamente:

- *“Ó chagas divinas! Ó abandono! Ó silêncio! Como sois eloquentes à minha alma!”*

Pela humildade ela chegou à pobreza nos seus rigores e elevou-se à obediência, num perfeito oferecimento de sua vida consagrada.

Quem a conheceu lembra-se da amável insistência com que ela ensinava, em suas Conferências e aconselhamentos:

- “A vida de uma boa Religiosa é o amor da Cruz, das humilhações e dos desprezos, pois isto é o que Nosso Senhor amou. Escolhamos sempre o último lugar: servas de todos! Humilhemo-nos o quanto pudermos para que Jesus nos introduza dentro de seu Coração! Sejamos pequeninas aos olhos das criaturas, porque seremos mais amadas por Deus.”

Muitas Irmãs guardaram com carinho cartas suas em que ela as estimulava a darem tudo de si mesmas, no seguimento de Jesus. Seguem alguns exemplos:

- *“ Uma Religiosa só pode ser feliz se ela for toda de Deus, não atrapalhando o Seu plano divino.*
- *Evite as menores faltas, seja piedosa e reze todos os dias pela sua perseverança na vida religiosa.*
- *Peçam a Nosso Senhor que vocês compreendam bem a grande graça da vocação religiosa, agradecendo-a a Deus e valorizando-a cada vez mais.*
- *A vida passa depressa e na eternidade não teremos senão a vontade de Deus, amada e vivenciada. Começemos portanto desde agora a fazer o que faremos eternamente.*
- *Eu fico muito feliz em pensar que vocês são o que deve ser toda Religiosa, cheias de espírito de fé e de espírito sobrenatural. Se não fosse assim, eu ficaria com muita pena, porque a minha maior alegria é vê-las cheias da santidade de Deus e impelidas em tudo pelo espírito de nossa vocação.*
- *Desejo sobretudo que a sua protetora Ihe dê um grande amor a Jesus e a Maria, um amor generoso que evite tudo que possa fazer perder a intimidade com Deus.*



Que ela a faça receber com alegria os sacrifícios que ele lhe enviar. Desejo-lhe tudo isto, porque é este o objetivo do Senhor ao nos dar a maior das graças, que é a graça da vocação religiosa.

- *Penso muitas vezes nas minhas pequenas e me pergunto várias vezes: - será que elas são bem fervorosas, silenciosas, cumpridoras da Regra e fiéis nas pequenas coisas? Espero em Deus que sim. O meu maior desejo é que vocês sejam todas de Deus e o amem muito, porque para isso é que ele nos concedeu a grande graça da vocação religiosa e para isso viemos à Religião.*
- *Deus lhes pague por tudo, com a maior graça que existe: a do seu divino Amor. Que este amor conserve vocês cada vez mais no espírito de fé, de generosidade e de zelo que o Senhor espera encontrar nas Religiosas do Sagrado Coração de Maria.*
- *Que Deus as faça santas, fervorosas, humildes e desapegadas das coisas do mundo. Que cada uma seja sobretudo desapegada de si mesma, que é o mais difícil.”*

A Irmã Maria de Aquino saboreou profundamente a intimidade divina. Ela mesma afirma:

- *“ O Senhor inunda-me de tantas consolações que eu nem sinto o peso da cruz.”*

Sempre paciente e constante, podemos seguir sua dedicação ininterrupta, percorrendo o longo período que ela passou no Brasil. Foram vinte e seis anos, de 1911 a 1937, em que triunfaram a perseverança, o discernimento e a bondade.

O fracasso de Sete Lagoas não derruba sua coragem férrea! As dificuldades de Vila Isabel não a desanimam, os espinhos da Casa de Ubá não a esmagam. Ao contrário, tudo isto foi uma alavanca que a

levou a altos níveis de realização do plano de Deus e como coroamento de seu trabalho surge o Colégio de Belo Horizonte. Ele foi como se a “Cidade das Rosas” coroasse a sua frente e espalhasse pétalas em seu caminho cheio de cruzes e de luzes, pleno de mortes e de ressurreições.

Dedicação total pela obra de Deus.

Dedicação total pelo bem do próximo.

Deus presente em todas as pessoas e todas as pessoas conhecendo e amando a Deus!

Como é forte a caridade assim iluminada pelo sobrenatural! Este foi o segredo da inigualável caridade da Irmã Maria de Aquino.

Transformou-a o Amor, fazendo de sua existência um ato de completa doação:

“Amar é dar-se. Amar é entregar-se. Amar é não recusar nada. Amar é abandonar-se em tudo ao Amado. Amar é procurar em toda parte mil vidas, mil corações, para abrasá-los e lançá-los como um troféu aos pés do Bem-Amado vencedor.” M. Maria de Jesus

Ela era cheia de amabilidades e de pequenas atenções, e não só via tudo como também adivinhava, pois o que os olhos não vêem o coração que ama verdadeiramente adivinha.

Uma Irmã comentava:

- *“Não se encontrava nenhum “senão” na sua caridade e ela era tão universal que cada Religiosa via nela uma verdadeira mãe. Conseguia esconder tudo que pudesse tirar ou diminuir a plena felicidade das Irmãs. Muitos anos mais tarde, podia dizer-lhes o que a sua contínua caridade comprovava: - “Como Superiora, acho que é meu dever aliviar as cruzes das minhas Irmãzinhas, cujos deveres muitas vezes exigem grandes sacrifícios.”*

- “Deus me livre de fazer sofrer as minhas Irmãs! Que Deus as prove, se quiser”, repetia ela muitas vezes.



Para com as doentes era insuperável nos cuidados que lhes dispensava. E a sua bondade não se limitava apenas às Religiosas. Quantas e quantas vezes ia ela mesma levar a esmola aos necessitados.

Impulsos de entusiasmo, quem não os conhece? Mas a paciência é que coroa o trabalho e o segredo da perseverança é conhecido de bem poucos. A Irmã Maria de Aquino conhecia este segredo e, apoiada nele, deixou-se trabalhar por ele.

*“ Não temas em quebrar minhas arestas,
não vaciles em bater, em rasgar.*

*Tudo será nada, se ao contato de tuas mãos de Artista,
um dia, o bloco de granito que encontraste,
- duro, pesado e frio -
apresentar as feições que lembrem o teu rosto divino.”*

Ser um outro Cristo! Ideal magnífico, sem dúvida, porém bastante doloroso.

A Irmã Maria de Aquino realizou o ideal do Fundador e surge diante de nós como um modelo completo de transfiguração da Cópia no Original.

Capítulo 19

O Triunfo do Amor

*“A minha história escreve-se com sangue ao pé da Cruz!
Na última página eu só desejo
o “Tudo está consumado” de Jesus!”*

Contemplemos o Crucificado do Calvário nestas horas de pungente agonia.

Cena grandiosa do mais belo triunfo do Amor.

Nessas chagas profundas, triunfa o Amor!

No sangue que todo se esvai, triunfa o Amor!

Em cada uma das palavras do Divino Agonizante, triunfa o Amor!

Nas dores íntimas da Alma dilacerada do Cristo, triunfa o Amor!

Enfim, nesse Corpo lívido, exangue e, sobretudo na ferida aberta desse Coração traspassado, o Amor canta o seu mais belo cântico de triunfo: “Amou e entregou-se!”

A unção deste Hino atravessa todos os tempos com a força do que é divino e imortal, hino que se desprende dos Crucifixos que estão nas paredes das casas modestas, das Cruzes iluminadas das catedrais, como das Cruzes toscas das humildes Capelinhas. Hino que repetimos no silêncio de nossa oração, ao beijarmos com unção o nosso Crucifixo: - “Ele me amou e se entregou por mim!”

Assim triunfa o Amor: sobre as ruínas da natureza! Quando esta se cala e permite o martírio purificador, então o Amor completa a sua obra, sempre através da Cruz.

Para a Irmã Maria de Aquino chegou a hora suprema e crucial da vitória do amor.

É a consumação do seu sacrifício!

Ao voltar do Rio em novembro de 1937, ela sentiu-se bastante



doente. Ao chegar a Belo Horizonte, depois de uma viagem de dezesseis horas, a Comunidade que a esperava ansiosa entristeceu-se profundamente ao vê-la tão pálida e abatida! E ela quase não resistiu a uma fortíssima intoxicação alimentar que veio piorar muito o seu estado geral, já tão debilitado.

No Colégio, a agitação do final de um ano letivo enchia de atividades e de barulho o ambiente, com a preparação imediata para os exames, ensaios de festas e outras atividades.

Certo dia, com uma fortíssima dor de cabeça, perguntaram-lhe se ela queria que mandassem interromper os ensaios, cujo barulho certamente devia estar incomodando muito. Ela se opôs, indagando com doçura: - “Então, porque um soldado morre, acaba-se a guerra?”

No entanto, seu estado de saúde agravava-se acentuadamente e no dia 30 de novembro ela recebeu a União dos Enfermos.

Os médicos acharam conveniente interná-la e a 8 de dezembro, Festa da Imaculada Conceição, ela foi levada para o Hospital. Mais do que as feridas do corpo, foi a ferida de sua alma que a fez sofrer muito, obrigando-a a separar-se da Comunidade.

Ela expressou este sofrimento, dizendo: - “Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas e mais ainda este sacrifício, meu Deus, tão doloroso!”

A Irmã Maria de Aquino, que fez todos os tipos de sacrifícios para salvar e reunir a sua Comunidade, vai agora morrer num Hospital, longe das Religiosas, longe da sua Comunidade, para quem esta separação era igualmente tristíssima.

Quando o carro que a transportava pôs-se em movimento e desapareceu levando a querida doente, muitos compreenderam que não a veriam mais neste mundo e os corações extravasaram de dor! E não se enganavam. O organismo já muito enfraquecido, não reagia aos medicamentos e a infecção de uma injeção foi tão grande que sobreveio a gangrena. As feridas espalharam-se por todo o seu corpo, causando-lhe um sofrimento horrível. Mas não se ouvia um gemido, uma queixa, nem durante os curativos dolorosíssimos, em que muitas vezes era

necessário remover as partes em decomposição. Ela dizia à Irmã, sua enfermeira por longos anos: - “Reze, minha Irmã, reze! Forças humanas não bastam para suportar as dores do curativo. São necessárias forças divinas!”

Todos os que a tratavam, declaravam a sua profunda admiração e respeito. - “Só pode ser divina a virtude que inspira tais heroísmos”, dizia um dos médicos. E o Dr. Balena, em carta dirigida à Provincial, dizia:

“Entre as mais valiosas recordações que nós – os desta Casa – guardamos, a lembrança da Irmã Maria de Aquino será conservada como uma das mais queridas, pois a mim, que tive a felicidade de conhecê-la em vida, me trará ela sempre à memória o exemplo de virtude, de bondade e de edificante resignação que foi a Irmã Maria de Aquino, a quem Deus, talvez para melhor prová-la, quis dar tão dolorosa enfermidade, que tanto a fez sofrer sem um gemido, sem uma queixa, sem a menor mostra sequer de impaciência.

A impressionante serenidade com que ela resistiu a tão duras provações nunca me sairá da memória e, já que não me coube a boa fortuna de poder dizer que com ela aprendi a viver, seja-me lícito afirmar que com ela aprendi a morrer. E este, se eu souber aproveitar-lhe a lição, será o maior de todos os bens que, através dela, terei recebido da Divina Providência.”

A dedicação das Irmãs enfermeiras e dos médicos era enorme e lançaram mão de todos os recursos para salvar esta vida que nos era tão preciosa.

Nas Casas da Província rezava-se sem cessar, na esperança de se alcançar um milagre.

A Irmã Inês de Jesus tencionava abrir um Colégio em São Paulo e todo o sofrimento da Irmã Maria de Aquino já era uma fonte de bênçãos para esta nova fundação. Ao voltar de Belo Horizonte, no dia 9 de dezembro, ela trouxe notícias desoladoras. O estado da doente era



gravíssimo. E no dia 17, voltando por um novo chamado urgente, já encontrou a Irmã Maria de Aquino sem sentidos.

Na véspera de sua morte, enquanto rezavam o terço junto dela, pronunciou suas últimas palavras, respondendo com clareza: - “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte!” Foram suas últimas palavras que, como num canto suave e melodioso, suplicavam:

- “Vem para junto de mim no último instante, para suavizar-me a última agonia... E como serei feliz em morrer, diante do teu Semblante, rezando assim: - Ave Maria!”

Durante três dias ainda durou o silêncio naquele quarto, silêncio entrecortado pelas orações e pela absolvição sacerdotal.

No dia 19 de dezembro, entre 14:00 e 15:00 horas, a doente abriu os olhos. Olhou para cada pessoa, como que numa despedida. Depois dirigiu seu olhar para o Céu, como que elevado a uma visão sobrenatural. Foi um olhar tão profundo e límpido que Monsenhor João Rodrigues, lá presente naquele momento, exclamou: “Ela viu Nossa Senhora!”

E lentamente, num sopro quase imperceptível, terminou aquela vida tão preciosa.

O canto *Veni Sponsa Christi* neste momento foi vivenciado por ela: “Vem, esposa de Cristo, recebe a coroa que desde toda a eternidade está preparada para ti! É o Amor que triunfa nessas chagas, é o Amor que triunfa nessa paciência, triunfa o Amor no pleno consentimento diante da vontade de Deus. Triunfou o Amor na vida, triunfa igualmente na morte e seu canto de triunfo repercutirá por todos os séculos: - Amou e entregou-se! Entregou-se e deixou-se imolar! E o fruto da morte é a vida plena, na plenitude de Deus!”

O enterro da Irmã Maria de Aquino foi uma verdadeira apoteose. Foi uma exaltação de sua humildade.

O Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, compareceu para a encomendação do corpo, unindo-se ao luto da Comunidade. Permaneceu mais algum tempo com as Irmãs, depois do enterro, procurando confortá-las e repetindo-lhes que “o Senhor julgou a

Irmã Maria de Aquino um fruto amadurecido para o Céu.”

Naquela manhã de chuva torrencial, muita gente acompanhou o enterro até ao cemitério e uma fila interminável de automóveis seguiu o carro fúnebre, querendo prestar-lhe sua última e comovida homenagem, naquela triste e inesquecível manhã de 20 de dezembro de 1937.

Monsenhor João Rodrigues de Oliveira, Capelão do Colégio de Belo Horizonte, profundamente dedicado a toda a Comunidade até 1951, quando também ele foi chamado para a Casa do Pai, escrevia no jornal O Diário:

- “Diante do caixão branco da Irmã Maria de Aquino, pareceu-me ver ali as luzes agradáveis de uma aurora, porque a morte preciosa dos amigos de Deus é, sem dúvida alguma, o início de uma vida interminável nos esplendores da alegria eterna. E, através das lágrimas de suas Irmãs, eu estava vendo a saudade cristã que, brilhando em olhos lacrimosos, consola-se, entretanto, com a certeza da ressurreição e da felicidade: “Preciosa diante de Deus é a morte de seus santos.”

Hoje, quando recordamos a pessoa tão querida da Irmã Maria de Aquino, lembrando-nos de sua vida tão edificante, ocorre-nos uma de suas frases habituais: “Quem me dera o Céu, quando eu morrer!” E vem-nos à memória o fervor com que cantávamos todas nós em Coro aquele canto tão antigo, que exprimia nossa total confiança na Mãe de Jesus, que nos faria concretizar o ideal que nos era tão familiar: “Tudo para Jesus por Maria.”

E cantávamos com todo o ardor:

“Com minha Mãe estarei,
Na santa glória um dia,
Junto da Virgem Maria
No Céu triunfarei.”

Sim, lá esperamos encontrá-la, na bem-aventurança eterna e toda impregnada da misericórdia divina. Sua vida foi uma caminhada



ininterrupta na esperança, na busca e na realização. Ela “amou e entregou-se! Entregou-se e deixou-se imolar!”

O Amor triunfou na vida, o Amor triunfa na morte e o fruto da morte é a Vida Plena, na Plenitude de Deus!

“Eu vim para que todos tenham Vida e a tenham em abundância.”

- João 10,10.

Ficha Técnica

Título original - Esplendor da Bondade

Autora - Uma Religiosa do Sagrado Coração de Maria

Inspiração - Conselho Provincial

Atualização - Ir. Alice Duarte, RSCM

Projeto Gráfico e diagramação - Deise Elen Abreu

Ilustração - Cídio Lopes e Guilherme Guimarães

Edição - Centro de Fontes - Província Brasileira

Data - Junho 2004



Instituto Sagrado Coração de Maria
Província Brasileira
cfontes@rscmb.com.br
www.rscmb.com.br